

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

STEPHANIE CAROLINE D'ORNELAS

FUGIMOS – VIDA EM COMUNIDADES ALTERNATIVAS E PELAS ESTRADAS

CURITIBA
2014

STEPHANIE CAROLINE D'ORNELAS

FUGIMOS – VIDA EM COMUNIDADES ALTERNATIVAS E PELAS ESTRADAS

Monografia apresentada como requisito parcial à conclusão do curso de Comunicação Social – Jornalismo, Setor de Artes, Comunicação Social e Design, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Mário Messagi Jr

CURITIBA
2014

Aos sonhadores.

AGRADECIMENTOS

Desde meus sete anos de idade, dizia a eles que quando eu crescesse gostaria de me tornar uma escritora. Eles nunca duvidaram, e sempre me deram incentivo à leitura, à escrita e ao estudo. É graças a eles que hoje finalizo uma etapa da minha vida, o Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo na universidade em que sonhei em estudar durante todos os dias de 2009, quando finalizava o ensino médio. Muito obrigada, Antonio e Marilda, pela vida E aos irmãos que compartilham e acompanham todos os momentos dela, a Alana e o Nathan. Sem vocês, nada disso seria possível.

Sou muito grata a todos aqueles que fizeram da universidade uma experiência rica do lado de dentro e fora das salas de aula. Que, mesmo com as dificuldades de uma universidade pública, dão sempre o seu melhor para despertar e ajudar a concretizar os sonhos dos estudantes do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná. Agradeço ao meu orientador, Mário Messagi, por ter confiado neste projeto e pelas palavras inspiradoras sobre o jornalismo que me entusiasmaram a seguir firme na profissão. Agradeço também a todos os outros professores que me fizeram refletir sobre o mundo para além das aulas, em especial aos mestres José Carlos Fernandes e Elson Faxina. Ao Jorge Brand, o Goura, agradeço por ter prontamente aceitado compor a banca avaliadora.

Gratidão aos colegas que se tornaram grandes e indispensáveis amigos nesses cinco anos de caminhada – que se estenderão por muito mais. Em especial a Marina Pilato, Giovanna Jambersi, Guilherme Magalhães, Guilherme Mattar, Felipe Ribeiro, Paulo Ferracioli, Leonardo Mueller, Judy Velasquez e André Nunes. Obrigada por terem sempre ficado ao meu lado, nunca permitir que eu me sentisse sozinha, pelas dicas jornalísticas e conselhos para toda a vida.

Ao grande amigo e companheiro de profissão, Rafael Neves, que estava comigo no exato momento em que tive a ideia do livro-reportagem fruto deste trabalho. Por ter se empolgado junto comigo quando contei minhas ideias iniciais para a concretização do projeto, por ter me dado dicas, ajudado a

revisar o trabalho e me incentivar a seguir em frente.

Gratidão a todos os seres iluminados que encontrei em minhas viagens. Em especial ao Rui Felipe, Laura Penalva e Bruno Cobra que estiveram ao meu lado nos dias mais lindos da minha vida na Serra do Caparaó. À Luiza Libório, minha companheira de acampamentos por terras goianas. E a todos os queridos amigos que conheci no Wiphala. Ao querido Raony Dubas, agradeço o apoio e o companheirismo.

E, especialmente, agradeço a todos os entrevistados que abriram suas mentes e o coração para compartilhar comigo suas histórias de desilusões, sonhos, buscas e encontros. As sementes que vocês plantam com suas palavras, ideias e ações transformam o mundo.

“Tanta gente vive em circunstâncias infelizes e, contudo, não toma a iniciativa de mudar sua situação porque está condicionada a uma vida de segurança, conformismo e conservadorismo, tudo isso que parece dar paz de espírito, mas na realidade nada é mais maléfico para o espírito aventureiro do homem que um futuro seguro. A coisa mais essencial do espírito vivo de um homem é sua paixão pela aventura. A alegria da vida vem de nossos encontros com novas experiências e, portanto, não há alegria maior que ter um horizonte sempre cambiante, cada dia com um novo e diferente Sol.”

Jon Krakauer

RESUMO

O presente trabalho visa servir como sustentação teórica para a produção de um livro-reportagem sobre histórias de pessoas que resolveram buscar novas maneiras de vida longe do caos urbano, em comunidades alternativas ou de maneira nômade, viajando sem rumo pelas estradas. A hipótese levantada neste trabalho é que as práticas do movimento comunitário alternativo representam manifestações contemporâneas da contracultura brasileira. O livro-reportagem foi construído com base em entrevistas coletadas durante um mês de viagem, entre julho e agosto de 2014, por alguns dos polos da cultura alternativa do Brasil, nos estados de Espírito Santo e Goiás. A escolha por esta plataforma se dá na crença de que o jornalismo atinge seu apogeu qualitativo com o livro, que possibilita ir além das limitações impostas pelo jornalismo padrão e trabalhar o tema abordado em profundidade. O presente trabalho almeja também ampliar o debate sobre o assunto que é pouco documentado e pautado pela mídia brasileira, e, não raras vezes, retratado de maneira superficial, preconceituosa e sensacionalista, inclusive pelas deficiências inerentes ao jornalismo diário.

Palavras-chave: Livro-reportagem. Comunidades alternativas. Movimento comunitário alternativo. Viajantes. Contracultura. Jornalismo literário.

ABSTRACT

This project aims to be a theoretical support for the production of a non-fiction book about stories of people who decided to seek new ways of living away from urban chaos, in intentional communities, or in a nomadic way of life, traveling aimlessly through the roads. The hypothesis in this paper is that the practices of the intentional community movement represent contemporary manifestations of Brazilian counterculture. The non-fiction book has been built based on interviews collected over a month's journey, between July and August 2014, by some of the poles of the alternative culture of Brazil, in the states of Espírito Santo and Goiás. The choice of this platform takes on belief that journalism reaches apogee with the book, which allows going beyond the limitations imposed by usual journalism and working the issue selected in thoroughness. This work also aims to increase the debate on the subject that is poorly documented by the Brazilian media, and, not infrequently, portrayed superficial, biased and sensationalist way, even for the defects inherent in daily journalism.

Key words: Non-fiction book. Intentional communities. Intentional communities movement. Travelers. Counterculture. Literary nonfiction.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – COMUNIDADES ALTERNATIVAS BRASILEIRAS.....	55
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 AS COMUNIDADES ALTERNATIVAS.....	15
1.1 CONTEXTO HISTÓRICO.....	16
1.2 MOVIMENTO COMUNITÁRIO CONTEMPORÂNEO E A CONTRACULTURA.....	18
1.3 BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO COMUNITÁRIO ALTERNATIVO NO MUNDO.....	25
1.4 PRIMÓRDIOS DAS COMUNIDADES ALTERNATIVAS NO BRASIL.....	27
2 O MOVIMENTO ALTERNATIVO E A MÍDIA.....	30
2.1 MÍDIA E CONTRACULTURA NORTE-AMERICANA.....	31
2.2 A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM CONTROVERSA DO MOVIMENTO ALTERNATIVO PELA GRANDE MÍDIA NORTE-AMERICANA E O CONTRA- ATAQUE.....	33
2.3 MOVIMENTO COMUNITÁRIO ALTERNATIVO BRASILEIRO E RELAÇÃO COM A IMPRENSA LOCAL.....	36
3 AMPLIANDO HORIZONTES DO JORNALISMO.....	44
3.1 CONFLUÊNCIAS ENTRE JORNALISMO E LITERATURA.....	47
3.2 SUBVERSÃO PELA LINGUAGEM.....	49
4 A CONSTRUÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM.....	53
4.1 OBJETIVOS DO LIVRO-REPORTAGEM.....	53
4.1.1 Objetivo geral.....	53
4.1.2 Objetivos específicos.....	53
4.2 METODOLOGIA.....	53
4.3 JUSTIFICATIVA.....	58
4.4 TIPOLOGIA DO LIVRO-REPORTAGEM.....	59
4.5 TÍTULO.....	61
4.6 ESTRUTURA DO LIVRO.....	61
4.6.1 Primeira parte.....	61
4.6.2 Segunda parte.....	61
4.6.3 Terceira parte.....	62
CONCLUSÃO.....	64

INTRODUÇÃO

Este presente trabalho, apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Comunicação Social na Universidade Federal do Paraná, aborda o movimento comunitário alternativo no Brasil a partir do ponto de vista de brasileiros e estrangeiros que vivem no país. Esta monografia foi realizada como embasamento teórico do livro-reportagem que é o produto final deste projeto. A partir dessa pesquisa e do trabalho jornalístico de campo, foi possível desenvolver o livro-reportagem “Fugimos – Vida em comunidades alternativas e pelas estradas”, em que busquei retratar histórias de vida de indivíduos que abandonaram antigos estilos de vida na sociedade urbana padrão para buscar práticas de vida alternativas, mais próximas da natureza e vinculadas à espiritualidade.

Os personagens escolhidos podem ser separados em dois grandes grupos: os que vivem em comunidades alternativas brasileiras e os nômades, que incluem viajantes sem rumo pelas estradas do Brasil, Estados Unidos, França e por outros países da América Latina. Esses dois grupos, entretanto, se intercalam e se hibridizam em histórias de pessoas que vivem em comunidades alternativas, mas que já tiveram experiências nômades, o que é muito comum no meio, assim como viajantes que já percorreram e moraram em diversas comunidades alternativas.

A escolha pelo livro-reportagem se dá pela crença de que essa plataforma, aliada ao gênero do jornalismo literário, possibilita a prática do jornalismo em profundidade, que pode superar as amarras impostas aos profissionais na prática jornalística cotidiana, como os *deadlines* curtos que implicam em matérias superficiais.

A escolha do tema se deu, entre outros fatores, ao fato de que ele é pouco pautado pela grande mídia e até mesmo pela comunicação alternativa. Em parte, pela própria recusa do movimento comunitário alternativo em ficar abaixo dos holofotes midiáticos, já que foi, por diversas vezes e por muitos veículos diferentes, tratado de maneira sensacionalista, preconceituosa e superficial. Além disso, há muito medo, dentro do movimento, de atrair pessoas mal-intencionadas ou que não compreendam os reais objetivos de seus

encontros, práticas e vivências.

Também há poucos livros e documentários sobre o movimento alternativo brasileiro, o que torna trabalhos sobre o tema importantes fontes documentais. Durante a produção do trabalho, pessoas que vivem há décadas em comunidades alternativas me relataram a dificuldade deles próprios organizarem registros históricos sobre seus eventos e práticas cotidianas. Há o desejo de registro não pela mídia tradicional, mas por pessoas do próprio movimento, de acordo com o discurso nativo.

O livro-reportagem foi escrito com base em entrevistas em profundidade realizadas ao longo de um mês de viagem, iniciada em São Paulo. Da capital paulista, embarquei para a Serra do Caparaó, no Espírito Santo, a bordo do *Wiphala*, veículo pertencente à Caravana do Arco-Íris pela Paz. A primeira parada foi o Encontro Nacional de Comunidades Alternativas – ENCA, o maior e mais importante evento do movimento comunitário alternativo brasileiro, e um dos maiores do gênero no mundo. A viagem, que ia parar por ali antes de eu retornar à Curitiba, acabou sendo estendida quando tive a oportunidade de visitar novas comunidades no estado que abriga um dos principais polos alternativos do Brasil, ao lado de Minas Gerais: Goiás.

Em Alto Paraíso de Goiás – cidade pertencente à Chapada dos Veadeiros e conhecida pelo seu misticismo e esoterismo – pude conhecer a comunidade fundada por Thomas Enlazador, o Instituto Biorregional do Cerrado e a comunidade Flor de Ouro – Vida Natural e Holística, localizado no distrito de Moinho, onde aconteceu o Festival Internacional de Cultura Alternativa - FICA. Na cidade, também pude participar de dois eventos tradicionais da região, o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros e a Aldeia Multiétnica, um encontro entre diversas tribos brasileiras no distrito de São Jorge.

A partir de minhas pesquisas – tanto na monografia como a partir de conversas com membros antigos do movimento – pude perceber a relação próxima existente entre o movimento da contracultura norte-americana e sua influência direta no Brasil, com o fortalecimento dos ideais de vida comunitária a partir da década 1970. Uma das hipóteses levantadas neste trabalho é que o movimento comunitário alternativo brasileiro representa – pelo menos em parte – a contracultura contemporânea no país – termo que deve ser visto, aqui, de

maneira ampla, como um movimento que se manifesta em qualquer época histórica quando a cultura hegemônica é questionada, tese defendida por muitos autores que citarei mais adiante.

1 AS COMUNIDADES ALTERNATIVAS

“A coragem está, entretanto, em aceitar escapar em vez de viver quieta e hipocritamente em falsos refúgios. Os valores, as morais, as pátrias, as religiões e as certezas privadas que nossa vaidade e nossa complacência para conosco nos outorgam generosamente, têm tantas moradas enganosas quanto o mundo arranja para aqueles que assim pensam manter-se, de pé e em repouso, entre as coisas estáveis. Eles não sabem nada dessa grande debandada em que se vão, ignorantes de si mesmos, no rumor monótono de seus passos cada vez mais rápidos que os levam impessoalmente num grande movimento imóvel. Escapamento diante do escapamento. [Seja um desses homens] que, tendo tido a revelação da deriva misteriosa, não suportam mais viver nas falsidades da morada.”

Deleuze e Guattari

A maioria deles está longe dos centros urbanos, ou vive de maneiras alternativas dentro das urbes. Alguns têm até suas próprias moedas de troca, outros desprezam ou evitam qualquer tipo de relação monetária. Estão em um país plenamente capitalista, mas refletem a imagem de uma sociedade anárquica ou com as sonhadas pelos socialistas utópicos. Estão perto de nós, mesmo que não os notemos. Eles são indivíduos que optaram por viver em comunidades alternativas, seja para buscar o cotidiano baseado no amor e liberdade ou para experimentar uma nova forma de se relacionar com o próprio corpo, com o outro e com a natureza.

O objetivo com este Trabalho de Conclusão de Curso é o desenvolvimento de um livro-reportagem sobre a vida de pessoas que resolveram fugir da sociedade capitalista hegemônica imposta e que optaram por viver em comunidades alternativas brasileiras das mais diversas correntes e filosofias. O livro amplia-se também no relato de histórias de vida de pessoas que estão em busca de uma dessas comunidades enquanto vivem como nômades pelas estradas, e as que têm as estradas como seu endereço –

conhecidos como os “malucos de estrada” ou “malucos de BR”. A partir de textos jornalísticos com recursos estilísticos da literatura – o jornalismo literário – sobre esses indivíduos, os capítulos do livro deverão expandir-se para uma análise geral do modo de vida do personagem e seus semelhantes, nas estradas ou em comunidades: como vive a população, como se sustentam, quais são suas filosofias, entre outras questões.

O título do livro-reportagem e da monografia, “Fugimos”, remete a uma fuga que não deve ser vista como um termo pejorativo, mas como a busca por mudanças na própria vida dos indivíduos que resolvem viver em comunidades alternativas. Muitos deles buscam, assim, transformar o planeta, mesmo a partir de pequenas ações. É a fuga do mundo capitalista para a construção de um novo mundo. Nos termos da contracultura, é o *drop out*, literalmente “cair fora”. O filósofo francês Gilles Deleuze, em sua obra conjunta com a jornalista Claire Parnet, “Diálogos”, defende que “a linha de fuga é uma desterritorialização”, é a “aquisição de uma clandestinidade” (1998).

Eu não tenho receio de reconhecer que as comunidades alternativas são uma fuga. Mas são uma fuga no bom sentido da palavra. Quem não deseja fugir desta vida de tensão e correr para a paz necessária? Quem não deseja se livrar do veneno químico para se alimentar de forma natural? Quem não almeja se livrar da ditadura do relógio e passar a viver de acordo com os ciclos da natureza? É uma aspiração a fuga deste sistema de exploração do homem pelo homem para uma fraternidade de irmãos. (TAVARES, 1985, pg 62-63)

1.1 CONTEXTO HISTÓRICO

As comunidades alternativas – também conhecidas como comunidades intencionais – são criadas por grupos de pessoas inconformadas com o sistema hegemônico vigente, que buscam viver em um sistema paralelo, denominado, portanto, de alternativo. A revolta e a necessidade de fuga interior se exteriorizam concretamente, nesses grupos, com a construção de comunidades que buscam abolir as deficiências do sistema capitalista, como as

injustiças sociais, o consumismo desenfreado, a miséria e a violência, em seus mais diferentes aspectos.

Existem diversos tipos de experiências comunitárias alternativas, e embora existam diferenças de crenças e organização entre elas, a maioria se caracteriza por vários aspectos em comum, como regras baseadas no amor ao próximo, produção independente de alimentos, práticas espirituais alternativas, proteção do meio-ambiente, tomada de decisões em grupo, coletivização dos bens e busca pela autossuficiência.

Ede Muller, um dos fundadores e líderes do movimento comunitário no Brasil, falecido em 2007, classifica as comunidades alternativas nas seguintes tipologias:

Comunidade Urbana, Comunidade Rural, Comunidade Rurbana, Condomínio Rural, Condomínio Urbano, Condomínio Rurbano, Cooperativas, Associações Comunitárias, Pólos ou Focos Comunitários Ecológicos, Cidades ou Aldeias Alternativas, Comunidades de Base, Associações de Bairro, Associações de Moradores, Comunidades Indígenas, Comunidades de Negros, Comunidades Árabes, Comunidades de Russos, Comunidades Kibutz, Comunidades de Ciganos, Comunidades Ecológicas, Religiosas, Terapêuticas, Educacionais, Agrícolas, Nômades, Circenses, Naturalistas, Nudistas, Ecléticas, Fraternidades Espiritualistas, Casas de Encontros, Chácaras de Retiros, Ashrams, Monastérios, Mosteiros, Musicais e Artísticas (MULLER, op. cit., sem página).

Podemos ainda acrescentar outras nomenclaturas bastante utilizadas atualmente dentro do movimento alternativo: as ecovilas e as comunidades aquarianas.

Ao longo da história humana, são conhecidas várias tentativas e práticas de construção de comunidades que buscam a igualdade e convívio pacífico entre seus membros. Em cada período histórico, os membros desses grupos buscavam um espaço anti-hegemônico, que também chamo de contracultural, utilizando esse termo em seu sentido mais amplo: para Timothy Leary, um dos nomes mais influentes da contracultura contemporânea, a contracultura se

manifesta em qualquer época histórica quando a cultura vigente é questionada.

Livrar-se das restrições é regra básica de qualquer movimento contracultural. Pode ser para chocar, para questionar ou fazer refletir sobre a tradição vigente. Ela não se faz de forma teórica e pensada previamente, mas sim na prática, na experiência vivida, até que ocorra a ebulição do movimento, sem data ou hora marcada para acontecer. É fruto do contexto histórico. É como um copo que vai se enchendo de água e transborda de tal forma que se torna inevitável a manifestação de movimentos contra-hegemônicos. (ARAÚJO, 2008)

1.2 MOVIMENTO COMUNITÁRIO CONTEMPORÂNEO E A CONTRACULTURA

O movimento comunitário contemporâneo despontou com a eclosão do movimento da contracultura norte-americano, que surgiu nos Estados Unidos e repercutiu em todo o Ocidente, especialmente na Europa e na América Latina. Iniciado na década de 1950, o movimento da contracultura atingiu sua época áurea nos anos 1960. O fenômeno caracterizou-se pela contestação e crítica ao sistema vigente, principalmente por jovens filhos da nova classe-média dos Estados Unidos, e pelas tentativas de construções de novas formas de vida, pensamentos e reorganização da estrutura social.

Esse movimento que pregava uma nova consciência, uma nova era e novos tempos foi, aos poucos, denominado pelo termo contracultura pelos meios de comunicação e acabou sendo assim popularizado. A palavra se encaixou perfeitamente com o que o movimento buscava, que era justamente se opor à cultura vigente e oficializada pelas instituições hegemônicas das sociedades ocidentais.

A contracultura tornou-se mais conhecida pelo movimento *hippie*, que contestou o sistema em busca de novos valores e que atingiu seu apogeu de influência na sociedade norte-americana nos anos 1960. Este grupo almejava a transformação da sociedade como um todo, através do protesto político e da mudança de atitudes. Entretanto, os *hippies* são apenas um dos muitos grupos

que surgiram no contexto da contracultura – podemos citar aqui, como exemplos, os *beatniks* e *hipsters*, que surgiram nos anos 1950. A cultura *hippie* inclusive absorveu grande parte das características desses dois movimentos precursores.

O movimento *beatnick* surgiu da frustração do meio intelectual com a guerra fria e as ameaças nucleares. Seus seguidores definiam-se como “neuróticos”, como resultado da ansiedade imperante do momento. O termo *beat* foi criado por Jack Kerouac em seu primeiro livro, “*The town and the city*” (1950). Além de Kerouac, fizeram parte do grupo inicial *beatnick* muitos intelectuais de destaque, como Carl Solomon, Norman Mailer, Kenneth Rexroth, Farlenghetti e Allen Ginsberg.

Lançado em 1956, *On the Road* (no Brasil, Pé na Estrada), de Kerouac, mostrou ao mundo a síntese daquilo que ficou conhecido como “geração *beat*”. De inspiração biográfica, o livro descreve viagens através dos Estados Unidos e México a partir de fluxos de consciência. O trecho abaixo, extraído de *On the Road*, exemplifica o espírito da geração *beat*.

Aqui estão os loucos. Os desajustados. Os rebeldes. Os encenqueiros. Os que fogem ao padrão. Aqueles que veem as coisas de um jeito diferente. Eles não se adaptam às regras, nem respeitam o status quo. Você pode citá-los ou achá-los desagradáveis, glorificá-los ou desprezá-los. Mas a única coisa que você não pode fazer é ignorá-los. Porque eles mudam as coisas. Eles empurram adiante a raça humana. E enquanto alguns os veem como loucos, nós os vemos como gênios. Porque as pessoas que são loucas o bastante para pensarem que podem mudar o mundo são as únicas que realmente podem fazê-lo. (KEROUAC, 2006).

Os *hipsters* surgiram na mesma década mostrando um profundo desencantamento com o sistema, de maneira mais politizada e rejeitando o pessimismo *beatnick*. Na transição para os anos 1960, os movimentos *beatnick* e *hipster* são gradativamente absorvidos pelo movimento *hippie*. Os grupo, que ficou conhecido em todo o ocidente pela máxima “paz e amor” (do original, “*peace and love*”), propagavam o amor acima de tudo e criticavam o uso de

armas nucleares, o patriarcado, o militarismo, o capitalismo e o autoritarismo. A proximidade e respeito pela natureza, o nudismo e a emancipação sexual são ideias presentes na filosofia do grupo.

Os *hippies* defendiam a vida em comunidades coletivistas ou de forma nômade. Nos Estados Unidos, a partir da segunda metade da década de 1960, milhares de jovens que se alinhavam a essa ideologia começaram a compartilhar casas, apartamentos ou quartos. Era essencial respeitar as liberdades individuais, e começou a ser frequente o estabelecimento do amor livre ao invés do modelo de família monogâmica, burguesa e patriarcal nesses grupos. A partir dessas primeiras experiências *hippies*, surgiram experimentos revolucionários positivos e duradouros, mas também uniões que acabaram frustradas.

A muchos se los ve felices. Pero siempre hay alguien que no acepta la distribución igualitaria del trabajo, se adueña de la autoridad y considera el guru, o sienta celos, o resulta ser un manipulador encubierto. Muchos grupos se separan por incompatibilidad de caracteres, exceso de drogas, cambio de intereses, viejos y nuevos problemas de convivencia. Es difícil volver a casa de los padres: cada división multiplica los grupos, recoge nuevos emigrados, fortalece la trama.¹ (KREIMER, 2006, p. 103)

Atualmente, muitas das comunidades alternativas brasileiras refletem influências do movimento *hippie* organizado comunitariamente, em que os moradores trabalham para a própria subsistência e produzem seu próprio alimento a partir da agricultura. No Brasil, existem comunidades que ainda se denominam como *hippies* espalhadas por praias e comunidades alternativas. Algumas regiões se destacam, como a cidade mineira de São Tomé das Letras; o vilarejo Trindade em Parati, no Rio de Janeiro; Alto Paraíso e Pirenópolis, em Goiás; Trancoso e Arembepe na Bahia. Existem também

¹ “Muitos foram vistos felizes. Mas há sempre alguém que não aceita a distribuição igualitária de trabalho, assume a autoridade e se considera o guru, ou sente ciúmes, ou acaba se revelando um manipulador disfarçado. Muitos grupos se separam por incompatibilidade, excesso de drogas, mudança de interesses, antigos e novos problemas de convivência. É difícil voltar para a casa dos pais: cada divisão multiplica os grupos, traz novos integrantes, fortalece o quadro.” (Tradução nossa)

festivais de influência *hippie* no Brasil que reúnem pessoas que vivem em comunidades alternativas ou se interessam pela filosofia desses grupos, como o Festival Psicodália, que se realiza anualmente em Santa Catarina.

Na metade dos anos 1960, destacou-se uma espécie de êxodo e retomada de comunidades rurais nos Estados Unidos. O aumento da insegurança nas cidades acentuava a necessidade de abandonar a vida urbana. Famílias, mães solteiras, viajantes solitários e grupos inteiros partiam para as encostas de Mount Sutro, Sonoma, Mendocino e Big Sur, na Califórnia. Outros se instalaram em Taos, no Novo México, e em várias outras regiões do país. Todas as grandes cidades tinham uma ou mais comunidades em suas imediações. O mesmo ocorreu na costa leste dos Estados Unidos, em Vermont e no Vale do Hudson, nas proximidades de Bethel, pequena vila que recebeu o Festival de Woodstock, em 1969.

A Kombi VW, o mítico meio de transporte dos *hippies*, simbolizava o espírito nômade do grupo. Assumiu-se o espírito transcendentalista, a utopia de retornar à natureza, plantar e colher o próprio alimento, viver sem os limites impostos pela família tradicional e a propriedade privada, recusar a tecnologia, viver o amor livre e coletivo. Qualquer um que fosse contrário à cultura vigente na sociedade seria bem-vindo nessas comunidades.

Ese optimismo sobre la naturaleza humana los induce a suponer que si a una persona se la rescata de esa pesadilla y lleva a un ambiente de apoyo, esa persona cambiará y contribuirá a la armonía del grupo.² (KREIMER, 2006, p. 104)

Fora das cidades, grupos *hippies* também começaram a se reunir em comunidades rurais. Alguém comprava a terra e cedia ao grupo, ou reuniam dinheiro para o aluguel. Muitas comunidades pequenas não aceitavam novos membros, nem visitas, nem publicidade. As maiores frequentemente eram abertas e tinham rotações quase permanentes. De acordo com Juan Carlos Kreimer, em seu livro “Contracultura para principiantes”, a maioria das pessoas que vivia nesse tipo de comunidade eram jovens de 18 a 30 anos e estima-se

² “Esse otimismo sobre a natureza humana os levou a supor que, se uma pessoa é resgatada desse pesadelo e levado a um ambiente de apoio, essa pessoa irá mudar e contribuir com a harmonia do grupo.” (Tradução nossa)

que em 1967 já existiam centenas de comunidades nos Estados Unidos.

Como a maioria dos jovens *hippies* que iam viver em comunidades tinha uma educação urbana e ignorava o trabalho no campo, as falências econômicas e encerramento de comunidades eram comuns. Trabalhar na terra rendia menos do que trabalhos urbanos, e as necessidades eram comumente reduzidas ao imprescindível. Kreimer afirma que as crianças, nascidas ou trazidas para essas comunidades, eram criadas sem a preocupação de reintegração ao sistema no futuro. Muitas sequer eram registradas, nem frequentavam escolas oficiais. Eram criadas em clima de liberdade, entre outras crianças e adultos que defendiam um novo tipo de vida. Em algumas comunidades, era defendido que as crianças fossem criadas coletivamente por muitos pais ao invés de apenas dois, o que evitaria que se identificassem com um único modelo e ideias.

Si bien la necesidad de adaptarse permanentemente a personas y situaciones nuevas hace que muchos chicos aprenden más rápido, expresen mejor lo que les pasa y se vuelvan muy creativos, años después (cuando el sueño hippie se desvanece) empiezan a mostrarse como jóvenes defensores de una vida segura, sobria, formal, estable. Pero vuelven a la sociedad con otro nivel de conciencia.³
(KREIMER, 2006, p. 106)

Começam a surgir novos tipos de comunidades alternativas nos Estados Unidos. Eram construídas comunidades anarquistas, étnicas, artísticas, religiosas (desde variantes do cristianismo primitivo até adeptos de filosofias orientais) e até mesmo comunidades de pessoas que não se consideravam *hippies*, mas que procuravam uma alternativa à vida frenética de trabalho nas grandes cidades. A vida cotidiana nessas comunidades não era fácil. Viviam em tendas ou cabanas de madeira, sem nenhuma tecnologia que promovia os confortos da urbanidade – como eletricidade, telefone, gás ou máquina de lavar

³ “Embora a necessidade de se adaptar-se constantemente a novas pessoas e situações fizesse com que muitas crianças aprendessem mais rápido, expressassem melhor o que estava errado e se tornassem muito criativos, anos depois (quando o sonho hippie desvaneceu) começam a se mostrar como jovens defensores de uma vida segura, sóbria, formal. Mas voltam à sociedade com outro nível de consciência.” (Tradução nossa)

roupa. Seja qual fosse a orientação e filosofia das comunidades, era comum que vizinhos expressassem medo de que esses grupos atraíssem seus filhos, ou, espantados com seus padrões de vida, os agrediam e os provocavam. Frequentemente a população de *chicanos* – mexicanos-estadunidenses –, em sua maioria desempregada ou em subempregos, ainda deslumbrados com o sonho do progresso material, ridicularizavam os moradores dessas comunidades sempre que estes se deslocavam até as cidades ou povoados.

O movimento *hippie* defendeu diversas experiências místicas como formas de vivenciar novos estados de consciência. Isso era buscado artificialmente, através das drogas – especialmente do LSD – ou através da alimentação vegetariana, do *yoga*, da meditação e do budismo. Era necessário encontrar caminhos e sentidos para a nova consciência que era propagada.

Surgiu então uma explicação astrológica para as mudanças pelas quais a sociedade estava passando. Grande parte do movimento alternativo começou a defender que a humanidade passa por mudanças radicais a cada era astrológica, que durariam cerca de dois mil anos. O próximo ciclo seria a Era de Aquário, a Nova Era, que sucederia a Era de Peixes, iniciada com o nascimento de Jesus Cristo.

A data de transição é incerta. Enquanto alguns estudiosos do meio alternativo apontam que a Nova Era já começou, outros afirmam que isso só irá acontecer daqui a algumas centenas de anos. O discurso alternativo defende que a Era do Aquário será um período de fraternidade universal, baseado na igualdade e na razão, em que será possível dar oportunidades iguais de desenvolvimento intelectual e espiritual para todos os seres humanos.

Entretanto, a humanidade passaria por uma difícil fase de transição antes da nova organização da sociedade. A incorporação dessa crença no movimento *hippie* revela toda a carga de utopia dessa performance coletiva.

A atual articulação do movimento comunitário alternativo em todo o planeta, com seus novos valores e uma maior conscientização dos indivíduos sobre os problemas que abalam a Terra, é tida pelos estudiosos da astrologia como um sintoma desta mudança que está por acontecer. (TAVARES, 1985, p. 86-87)

O movimento *hippie* começou a perder sua popularidade nos Estados Unidos nos anos 1970, mesmo período que o movimento ganhou força em países como o Brasil. A decadência do movimento se choca com o declínio do próprio movimento da contracultura norte-americana. Vários fatos podem ser levantados como indicativos do início do declínio da utopia *hippie* e do movimento da contracultura. O estilo de vida alternativo começou a ser absorvido pela indústria da moda e pela sociedade de consumo, que eram tão criticadas pelos *hippies*.

O sociólogo e filósofo alemão Herbert Marcuse (1898-1979) coloca a absorção das forças e interesses antes opostos à hegemonia do sistema como algo inerente ao que denomina de capitalismo tardio norte-americano. Segundo Marcuse, a sociedade industrial contemporânea é uma sociedade sem oposição, visto que nela tudo se padroniza e é integrado às normas.

Independência de pensamento, autonomia e direito à oposição política estão perdendo sua função crítica básica numa sociedade que parece cada vez mais capaz de atender às necessidades dos indivíduos através da forma pela qual é organizada. Cada sociedade pode, justificadamente, exigir a aceitação dos seus princípios e instituições e reduzir a oposição à discussão e promoção de diretrizes alternativas *dentro do status quo*. A esse respeito, parece fazer pouca diferença o ser a crescente satisfação das necessidades conseguida por um sistema totalitário ou não totalitário. Nas condições de um padrão de vida crescente, o não-conformismo com o próprio sistema parece socialmente inútil, principalmente quando acarreta desvantagens econômicas e políticas tangíveis e ameaça o funcionamento suave do todo. (MARCUSE, 1973)

Como outros indicativos do declínio do movimento da contracultura, podemos citar vários fatos que se desencadearam no pós-Woodstock: a transformação da distribuição de drogas numa indústria global de narcotráfico; o aprofundamento da repressão do governo Nixon; a radicalização armada de alguns grupos *hippies*; o massacre comandado por Charles Manson – que

tinha seguidores do movimento *hippie* – uma semana antes de Woodstock; o Altamont Festival, na Califórnia, quando um espectador negro que transportava uma pistola foi assassinado durante um show da banda *Rolling Stones* por um integrante do grupo *Hell Angel's*; e, posteriormente, com o assassinato de John Lennon em 1980. Era cada vez mais evidente o “fim do sonho”, marcado pela famosa frase de Lennon “*the dream is over*”, da polêmica música *God*.

A segunda metade do século XX em diante é o período que referencia a contracultura para a maioria das pessoas, embora alguns estudiosos da área, como Timothy Leary, Ken Goffman e Dan Joy tenham uma visão ampliada da contracultura, vista como movimentações contra-hegemônicas que abalem as estruturas vigentes, que, portanto não estão restritas a um período histórico em específico.

A partir dessa visão, poderíamos levantar algumas hipóteses: ainda é possível aplicar o conceito de contracultura em nossa realidade? Em caso afirmativo, como se manifestam os movimentos contraculturais hoje? Seriam os membros das comunidades alternativas brasileiras parte de um novo movimento contracultural contemporâneo no país?

1.3 BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO COMUNITÁRIO ALTERNATIVO NO MUNDO

Voltando à Idade Média, podemos citar as guildas como um exemplo próximo do conceito geral de comunidade alternativa. As guildas eram associações de pessoas com interesses em comum, e embora as mais conhecidas são as que eram constituídas por mercadores e artesãos, também eram formadas associações de caridade, religiosas e com fins sociais. Outras experiências comunitárias históricas de grande importância na Europa são os experimentos precursores de Robert Owen (1771-1858), Leon Tolstói (1828-1910), François-Marie-Charles Fourier (1772-1837) e seus seguidores.

As ideias e ações desses três pensadores repercutiram não só nos países europeus, como em outros continentes. Tolstói é mais conhecido pela sua obra literária, mas destacou-se pelas suas ideias pacifistas de vida simples e próxima à natureza. Apesar de ter repudiado a classificação de suas ideias como anarquistas, Tolstói é uma das maiores referências ideológicas do

anarquismo cristão. O escritor era contrário aos Estados, igrejas e os dogmas, que, para ele, serviam apenas como ferramentas de dominação. Tolstoi não acreditava em guerras e revoluções violentas, mas sim em mudanças morais individuais. Até o século XX existiram experiências de comunidades alternativas anarco-cristãs inspiradas em seus escritos, baseadas na propriedade coletiva dos bens.

O inglês Owen é um dos mais importantes socialistas utópicos. Ao observar as péssimas condições de trabalho dos trabalhadores de sua época, o rico industrial criou comunidades operárias no início do século XIX. Owen implantou também comunidades na Escócia e nos Estados Unidos. Fourier viveu neste mesmo período, na França. Considerado um dos pais do cooperativismo e do socialismo libertário, o pensador francês propôs a criação de falanstérios – comunidades baseadas em uma forma de cooperativismo integral e autossuficiente e na livre busca das paixões individuais, que criaria um estado que chamava de “harmonia”.

Um dos maiores entusiastas dos falanstérios foi Albert Brisbane (1809-1890), que ajudou a organizar algumas das trinta comunidades formadas durante a década de 1840 nos Estados Unidos. Essas comunidades obtiveram mais sucesso no país do que na França, onde essas experiências foram reprimidas, e na Inglaterra. Os fourieristas e owenistas acreditavam que as estruturas hegemônicas existentes poderiam ser abolidas sem revoluções violentas, com a superação natural a partir da observação das redes de comunidades superiores em sua forma de organização e promoção do bem-estar entre os seres humanos.

As ideias de Owen e Fourier exerceram muita influência nos movimentos comunitários posteriores. Para eles a tarefa dos homens de bem era promover a felicidade e o bem-estar geral. Ambos combatiam com veemência a ordem social baseada na competitividade entre os homens, desconfiavam da “política” e dos políticos profissionais e acreditavam que a resolução dos assuntos sociais deveria ser exercida não por parlamentares ou governantes, mas sim pelos produtores. Eles acreditavam que se a sociedade pudesse ser organizada dessa forma os

governos e as organizações políticas tradicional cairiam por terra. (TAVARES, 1985, p. 33)

Outro importante pensador que influenciou o movimento comunitário contemporâneo foi Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), influente teórico e escritor do anarquismo. Proudhon era favorável às cooperativas, bem como à propriedade coletiva dos meios de produção. Considerava que a revolução social poderia ser alcançada por meios pacíficos.

Podemos citar ainda experiências interessantes na Europa na primeira metade do século XX, como as comunidades macknovistas na Ucrânia e as comunidades autogeridas libertárias criadas durante a Revolução Espanhola. Neste mesmo período, na Ásia, destacam-se experiências comunitárias alternativas na Índia, Israel e China. Na Índia, o movimento teve como líder o pacifista Mohandas Karamchand Gandhi (1869-1948) que organizou sua primeira comunidade em 1915, um *ashram*, como são denominados os eremitérios hindus. Em Israel, proliferaram os *kibutizin*, comunidades agrícolas coletivizadas abertas a israelenses judeus.

Outra experiência marcante foram as Comunas da China Popular. Essas comunas começaram a surgir em 1958, e atingiram seu ápice após a Grande Revolução Cultural Proletária – conhecida também como Revolução Cultural Chinesa –, que se solidificou a partir de 1966. Juntamente com a experiência das Comunas Populares, foi formado o grupo dos “médicos pés descalços”, camponeses com conhecimentos básicos em medicina que atuavam em pequenos hospitais dentro das comunas. A construção de Comunas também se deu em outros países socialistas.

1.4 PRIMÓRDIOS DAS COMUNIDADES ALTERNATIVAS NO BRASIL

Tavares (1985) considera a República dos Guaranis como a primeira experiência de tentativa de formação de uma comunidade intencional do Brasil e da América do Sul. Composta por várias comunidades, a República dos Guaranis existiu por mais de um século, entre 1610 e 1756. Essas comunidades chegaram a ser consideradas um território economicamente independente, possuindo 34 cidades planejadas chamadas de Missões.

Nesses locais moravam índios guaranis e padres jesuítas.

As comunidades guaranis eram desenvolvidas e fraternais. As cidades eram planejadas e construídas em ângulos retos. As avenidas e ruas possuíam varandas cobertas que serviam como abrigo do sol e chuva. A administração das comunidades era feita por Conselhos eleitos, não havia partidos nem políticos ou administradores profissionais. Desconhecia-se o direito de propriedade, todos os bens pertenciam à comunidade. A agricultura era desenvolvida, também o artesanato e a indústria. Os tecidos produzidos pelos guaranis eram muito apreciados. Na comunidade indígena o trabalho durava no máximo oito horas por dia, com folgas aos domingos e quintas-feiras. A produção era destinada à satisfação das necessidades comuns, e não para o lucro. Não se acumulavam riquezas. A alimentação era distribuída às famílias segundo o número de seus membros e de acordo com suas necessidades. (TAVARES, 1985, p. 30-31)

Uma das experiências comunitárias alternativas mais conhecidas no Brasil e em outras partes do mundo foi a Colônia Cecília, uma comuna baseada em premissas anarquistas. Fundada em 1890 em Palmeira, no Paraná, a Colônia reuniu libertários mobilizados pelo jornalista e agrônomo italiano Giovanni Rossi (1859-1943). A Comunidade Nossa Chácara foi outra iniciativa de inspiração anarquista no Brasil. A comunidade foi construída por libertários em São Paulo, e tinha como objetivo servir de lar para os militantes e simpatizantes da causa anarquista.

O processo moderno de formação de comunidades alternativas, sobretudo no Brasil, tem na sua origem o êxodo rural. Não que, necessariamente, as pessoas que fundaram estas comunidades tenham participado de um processo de êxodo rural, mas foi ele, e um futuro discurso de ruralidade, que permitiu a formação destas comunidades. O que estava em pauta era justamente o retorno ao campo. (CARAVITA, 2012, p. 27)

A partir do século XX, as distinções e mudanças de características das comunidades alternativas brasileiras ficam explícitas através das nomenclaturas usadas para denominá-las. No início do movimento, ainda muito influenciado pela contracultura norte-americana, falava-se apenas em comunidades alternativas. Nos anos 80, o termo comunidades rurais passa a ser mais utilizado, e nos anos 90 ele foi substituído por comunidades ecológicas, comunidades aquarianas e comunidades intencionais. A partir do século XXI, os termos ecovilas e condomínios rurais têm sido frequentemente usados para denominar essas comunidades. Atualmente os termos ecovilas, comunidades alternativas e comunidades intencionais são os mais utilizados pelo movimento.

Durante este processo, as primeiras características das comunidades alternativas foram se transformando. As pessoas não pensavam mais em uma fuga do mundo, mas desejavam atuar e transformar o mundo em que viviam. As comunidades passaram a se estruturar melhor, do ponto de vista da subsistência e da preocupação ambiental, e também passaram a se preocupar cada vez mais com questões espirituais, que sempre estiveram presentes. (CARAVITA, 2012, p. 38-39)

2 O MOVIMENTO ALTERNATIVO E A MÍDIA

Desde o alvorecer da contracultura, enquanto um fenômeno histórico datado, até os dias atuais em que observamos ainda um forte movimento de contestação que denominamos aqui também de contracultural – visto como processo de organização coletiva anti-hegemônica que sempre existiu nas sociedades – o movimento alternativo tem uma relação complexa com a grande mídia. Afinal, os interesses são visivelmente opostos: enquanto a mídia tradicional legitima o sistema vigente e funciona como uma engrenagem do mesmo, o movimento alternativo propõe justamente a oposição à sociedade capitalista que financia os grandes grupos de comunicação.

No caso específico das comunidades alternativas, não acontece o contrário. Há ainda grande recusa de membros dessas comunidades e demais movimentos alternativos em serem retratados pela mídia – que não raramente caracteriza esses grupos de maneira estereotipada, superficial e preconceituosa.

As sociedades industriais avançadas são consideradas “totalitárias”, na visão de Marcuse, porque operam um aparato técnico-econômico que impede o surgimento de alternativas ao sistema vigente. Na grande mídia, alternativas à sociedade são retratadas de maneira negativa ou como modismo, para que a oposição se integre ao sistema.

Peixoto (2011) acredita que a argumentação de Marcuse não tem base no determinismo tecnológico, pois, para o sociólogo alemão, o sistema capitalista utiliza a tecnologia para manipular as necessidades, “doutrinar” os indivíduos, integrar forças de oposição – como na contracultura, com a absorção dos ideais rebeldes ao sistema, passando a servir ao consumismo e à publicidade – e administrar as sociedades. No entendimento de Peixoto, as sociedades capitalistas avançadas são totalitárias na medida em que são completamente controladas pela hegemonia do capital.

Na concepção de Marcuse, o capital controla o Estado, os meios de comunicação, a educação e os outros aparatos ideológicos e instituições sociais, utilizando-os para seus fins de maximização

do lucro e mantendo o controle social pela eliminação dos pensamentos de oposição e pela integração dos indivíduos no sistema capitalista de produção e de consumo. (PEIXOTO, 2011, 159)

A absorção dos ideais anti-hegemônicos é observada, por exemplo, a partir do movimento *hippie*, com a transmutação do movimento contestatório em produtos de consumo. A articulação entre os meios de comunicação e os meios de produção permitiu que a rebeldia do movimento passasse a ser algo positivo para o sistema: sedutor como publicidade e lucrativo para o mercado. Enquanto o movimento passou a constituir um novo modismo, as reivindicações se tornaram ideias marginais perante as engrenagens do sistema.

2.1 MÍDIA E CONTRACULTURA NORTE-AMERICANA

Durante o auge da contracultura, nos anos 1960 e 1970, a grande mídia norte-americana tratava o movimento com pesadas críticas em relação às ideias que rompiam com os valores já estabelecidos na sociedade, de maneira similar ao que ocorre ainda hoje com relação a determinadas práticas do movimento alternativo pela mídia – e, neste caso, iremos tratar especificamente do movimento comunitário alternativo. A mídia costuma retratar o tema de maneira superficial, não raramente com apelo a aspectos não centrais que estão presentes no movimento, como a questão do nudismo e do uso da maconha, como cito em exemplos mais adiante neste capítulo.

A relação da contracultura com a mídia sempre foi estreita, inclusive na criação do rótulo contracultura e com a difusão do termo. Um dos grandes nomes da contracultura brasileira, o escritor e jornalista Luis Carlos Maciel, colaborador do *Pasquim* nos anos 1970 e outros jornais *underground*, afirma que a conceituação de contracultura foi cunhada pela própria mídia, com o intuito de generalizar o movimento como mais uma moda jovem.

O termo “contracultura” foi inventado pela imprensa norte-americana, nos anos 60, para designar um conjunto de

manifestações culturais novas que floresceram, não só nos Estados Unidos, como em vários outros países, especialmente na Europa e, embora com menor intensidade e repercussão, na América latina. Na verdade, é um termo adequado porque uma das características básicas do fenômeno é o fato de se opor, de diferentes maneiras, à cultura vigente e oficializada pelas principais instituições das sociedades do ocidente. Contracultura é a cultura marginal, independente do reconhecimento oficial. No sentido universitário do termo é uma anticultura. Obedece a instintos desclassificados nos quadros acadêmicos.

Maciel distingue a contracultura de duas maneiras:

a) como um fenômeno histórico concreto e particular, cuja origem pode ser localizada nos anos 60; e b) como uma postura, ou até uma posição, em face da cultura convencional, de crítica radical. No primeiro sentido a contracultura não é, só foi; no segundo, foi, é e certamente será. (MACIEL, 1981, p. 19)

Para Pereira (1992), a força e o poder da mídia norte-americana auxiliaram a rápida difusão do termo contracultura, e não só porque o fenômeno tomava proporções cada vez maiores. É importante destacar que um forte elemento que facilitou a popularização do termo foi o próprio rótulo contracultura, que continha em si mesmo uma expressiva carga de informação a respeito do movimento que designava.

A partir do momento em que a mídia norte-americana criou o rótulo contracultura, o movimento começa a ser difundido como um fenômeno situado historicamente, que, com o tempo, é progressivamente absorvido pelo sistema. O autor compreende que a contracultura, como espírito de contestação e de enfrentamento ao sistema vigente, precisava romper e se opor a todos os aparelhos ideológicos que favoreciam a uma manutenção do sistema – incluindo a grande mídia. Nesse contexto, a comunicação alternativa ganha espaço e força.

Se os grandes conglomerados de comunicação atestam um

“discurso verdade” de que as reivindicações divulgadas por esses grupos e movimentos sociais são apenas manifestações radicais, de caráter criminoso, faz-se necessária a presença de um olhar que vá além da mídia comercial, para que então, possamos vislumbrar as possibilidades que uma comunicação alternativa oferece, tanto para as próprias minorias, quanto para toda a sociedade, que terá na pluralidade de discursos, a construção de uma sociedade mais democrática. (PIMENTA E SILVA, 2010, p.2)

2.2 A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM CONTROVERSA DO MOVIMENTO ALTERNATIVO PELA GRANDE MÍDIA NORTE-AMERICANA E O CONTRA-ATAQUE

Um dos maiores símbolos do espírito da contracultura nos anos 1960 foi a rebeldia dos jovens, manifestada pela crítica radical ao posicionamento e aos valores da geração de seus pais. A música foi um dos principais meios de manifestação massiva do inconformismo desses jovens, mesmo que produzida pela indústria cultural, que se apropriou de slogans revolucionários e os reproduziu na forma de moda. Diversos músicos e bandas que surgiram na época, como *The Beatles*, *Rolling Stones*, Jimi Hendrix, Janis Joplin, *The Doors*, *Pink Floyd* e *The Who* expressaram o espírito libertário dos jovens nas letras de suas canções, e levaram as experiências como a liberdade sexual e uso de drogas para a vida pessoal.

Muitos artistas tiveram inúmeros problemas com os excessos e experimentações – bandeiras necessárias para a libertação individual, conforme o espírito da época - o que culminaria em mortes acidentais por overdose; casos de dependência de drogas; problemas com a polícia, e a própria decadência e dissolução das carreiras artísticas. Talvez esse tenha sido o elemento primordial que a mídia tradicional “vendeu” como o preço que o sonho da contracultura pagara por levar aos extremos a necessidade de ruptura com todos os valores das gerações anteriores. Na maioria dos casos, a própria mídia

tratava de julgar o comportamento dos ídolos da juventude, fazendo com que uma imagem nefasta estivesse atrelada ao movimento hippie. (PIMENTA E SILVA, 2010, p. 9)

Ainda de acordo com Pimenta e Silva, essa mesma atitude da mídia em criar uma imagem negativa do movimento alternativo retornou dez anos depois em torno do movimento *punk*, estigmatizando a cultura urbana do final dos anos 1970 e começo dos anos 1980 como arte vinculada apenas a viciados em drogas e grupos marginalizados. Enquanto o movimento *hippie* foi estereotipado como perigoso para a juventude após os crimes cometidos pelo grupo de seguidores de Charles Manson em 1969 e as mortes por overdose de ídolos do movimento hippie como Janis Joplin (1970), Jimi Hendrix (1970) e Jim Morrison (1971), entre outros acontecimentos, a mídia sensacionalista associava o movimento *punk* ao uso de drogas e atitudes criminosas. O preconceito da sociedade contra a cultura *punk* se estendeu para a música, arte, literatura, e até mesmo para o jornalismo alternativo e produção de *fanzines*.

Alguns críticos musicais afirmam que o *punk* só foi aceito nos EUA no ano de 1991, com o sucesso da banda Nirvana e, mesmo assim, estereotipado com o rótulo da MTV de música “*grunge*”. (PIMENTA E SILVA, 2010, p. 9)

Pimenta e Silva acredita que um dos motivos para a fácil transformação do movimento *hippie* em um produto de consumo destinado à juventude reside no fato de que o movimento não desenvolveu uma política revolucionária e nem tentou se integrar a outros grupos da contracultura. O objetivo era puramente sair do sistema e viver de maneira alternativa em comunidades.

Em contraste, surgiram os *yippies* – *Youth International Party (Yippie)* – liderados por Abbie Hoffman – o criador do LSD – e Jerry Rubin, com a proposta de representar um partido *hippie* radicalizado. Os ideais *yippies* pregavam a revolução, a partir da união dos grupos da chamada “nova esquerda americana” – com influências do anarquismo, do movimento comunitário alternativo e marxismo clássico – e do estilo de vida psicodélico.

Os *yippies* (...) desejavam abrir um espaço mais institucionalizado que fosse capaz de canalizar a energia revolucionária de toda a juventude rebelde. Para isso, era necessária uma convergência de dois projetos de revolução social: a cultural através das artes, associado com a revolução política empregada por grupos de minoria e ativistas. (PIMENTA E SILVA, 2010, p. 10)

Para difundir suas ideias, o grupo apostava na música, em especial no *rock'n'roll*, e na mídia alternativa. Além disso, utilizavam táticas irreverentes para se tornarem pautas nos grandes jornais. Embora defendessem preceitos *hippies*, como o amor livre e pacifismo, a ação política direta também era uma questão central, e se utilizavam da mídia para isso. Para pautar novas discussões na agenda midiática norte-americana, os *yippies* se utilizavam de declarações sensacionalistas para chocar a opinião pública, e de fato o grupo conseguiu grande espaço nos meios de comunicação dessa maneira.

No livro “1968 - Eles Só Queriam Mudar o Mundo” (2008), de Regina Zappa e Ernesto Soto, os autores destacam a participação *yippie* nos protestos realizados durante a Convenção do Partido Democrata nos Estados Unidos em 1968, que foram duramente reprimidos por um dos maiores aparatos repressivos já montados numa metrópole americana, formado por milhares de policiais, soldados da Guarda Nacional e do Exército.

De acordo com Zappa e Soto, para contrastar com a convenção que era chamada por eles de “Festival da Morte”, os *yippies* organizaram o “Festival da Vida”, com atividades culturais e espirituais. Logo os *yippies* perceberam que haviam se tornado uma atração para a imprensa com suas ameaças irônicas.

Surpreendentemente, por mais insensatas e absurdas que fossem – talvez por isso mesmo – eram levadas a sério pela polícia. Os jovens falaram em colocar LSD nos reservatórios de água para embarcar toda a cidade numa “viagem” lisérgica. Muita gente passou então a consumir água mineral engarrafada e a polícia fortaleceu o policiamento nos reservatórios. Os jornais deram ampla cobertura ao que não passava de uma piada.

Alguns, como o ultraconservador *Chicago Tribune*, trataram a brincadeira com risível seriedade. (ZAPPA; SOTO, 2008)

Para Pimenta e Silva (2009), o maior legado dos *yippies* foi a utilização da grande mídia para subverter o sistema. Essa tática é uma espécie de “contra-comunicação”, que posteriormente teriam influenciado outros grupos alternativos e é defendido por muitos como a vanguarda *hacker*. Outra ação de ativismo fundamental utilizado por grupos da contracultura foi a comunicação alternativa, ou, ainda a “imprensa marginal”, que teve uma grande expansão a partir da década de 1960.

A comunicação alternativa é fundamental para os movimentos contraculturais porque pauta discursos contrários aos preconizados pela grande mídia capitalista e transgride o modelo tradicional de jornalismo que produz um discurso pautado nos interesses políticos, econômicos e de consolidação da cultura dominante.

As ações de ativismo empregadas por alguns grupos da contracultura, como os *yippies*, definiram também novas formas de utilização da mídia. A comunicação alternativa realizada por determinados grupos foi fundamental para que novas propostas ganhassem pauta na agenda pública mostrando o descontentamento de atores sociais marginalizados. (PIMENTA E SILVA, 2010, p. 11)

Nesse período, destacou-se a produção de *fanzines* e as rádios comunitárias como formas de produção da comunicação alternativa, que teriam o poder de superar os estereótipos com que o movimento alternativo é tratado pela grande mídia. Esses mesmos instrumentos são ainda muito utilizados por grupos minoritários e pelo movimento alternativo em geral no Brasil e no mundo.

2.3 MOVIMENTO COMUNITÁRIO ALTERNATIVO BRASILEIRO E RELAÇÃO COM A IMPRENSA LOCAL

Durante o início da decadência da contracultura norte-americana, nos

anos 1970, o movimento comunitário alternativo começa a ganhar força no Brasil. O processo foi sempre acompanhado de maneira pouco enfática pela mídia, com pouco destaque nos grandes jornais. Em contrapartida, nesse período começam a surgir materiais de comunicação alternativa focadas nas comunidades intencionais, como os jornais “Comum Unidade” – organizado pela Associação Brasileira de Comunidades Alternativas – ABRASCA – e “Ordem do Universo”.

É relativamente escasso o material sobre o movimento comunitário alternativo contemporâneo – a partir da década de 1960 até os dias de hoje – documentado pela mídia padrão, e esse é um assunto também pouco estudado nas universidades brasileiras. Em relação aos meios midiáticos tradicionais, é perceptível a grande desconfiança por parte dos integrantes do movimento comunitário alternativo em se expor a eles. Existe uma grande parcela do movimento que é contra a divulgação na mídia, principalmente por medo do movimento ser distorcido e mal compreendido. Essa própria recusa do movimento pode explicar, em parte, a pouca visibilidade deste na mídia tradicional e como pauta de discussão na sociedade.

Embora não seja uma regra, é comum que atores do movimento comunitário alternativo tenham mais abertura com a exposição de seus modos de vida com estudantes, em trabalhos acadêmicos, do que com jornalistas em busca de reportagens. Como exemplo, em 2010, durante meu primeiro ano no curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, eu e minha colega Judy Velasquez fizemos um trabalho para a disciplina Técnicas Básicas de TV, ministrada pelo professor e jornalista Elson Faxina, com a comunidade alternativa Doze Tribos, em Campo Largo, no Paraná. No contato inicial com a comunidade, foi esclarecido que se tratava de um trabalho com finalidade acadêmica, que não seria veiculado em nenhum veículo de comunicação. Em contrapartida, nos foi solicitado que levássemos o material pronto para a comunidade, com o fim de eles terem acesso a esse vídeo como registro.

Na ocasião da gravação do trabalho de televisão – assim como na visita anterior e posterior à comunidade –, todos os entrevistados e demais moradores das Doze Tribos se mostraram extremamente abertos e solícitos, nos auxiliando em todo o processo. A única restrição que fizeram a nossa dupla

foi a solicitação de não filmar o rosto das crianças da comunidade, com o fim de preservação da imagem. Permitiram-nos, todavia, fazer filmagens das crianças em suas atividades diárias – cantando, dançando e brincando – de costas e à distância.

Essa abertura, entretanto, não se dá de forma generalizada à mídia tradicional. A jornalista Mira Graçano relatou, em depoimento para este trabalho, que em 2012, quando a profissional comandava o projeto “Redação Móvel”, na emissora RPC TV – afiliada da Rede Globo no Paraná –, ela pretendia fazer uma reportagem na comunidade Doze Tribos, mas os moradores não permitiram que fossem realizadas filmagens no local. De acordo com a jornalista, na época a Redação Móvel, que era exibida no jornal Paraná TV – 1ª edição, estava sendo gravada em uma cidade diferente da Região Metropolitana de Curitiba a cada semana, mostrando particularidades do local, seus moradores, economia, cultura, entre outros aspectos.

“Na pesquisa de Campo Largo me falaram sobre a comunidade Doze Tribos e meus olhos brilharam pela oportunidade de mostrar um estilo de vida tão diferente. Quando a pessoa que estava mediando o contato falou de minha intenção, eles foram muito solidários, me convidaram para passar o dia com eles, concordaram com nossa presença, desde que nada fosse filmado. Não houve uma justificativa oficial, apenas não queriam publicizar as cerimônias. Me lembro que lamentei muito e acabei nem indo conhecer a comunidade porque poderia despertar ainda mais interesse, sendo que eu estava impedida de mostrar”, contou a jornalista.

Apesar do cunho acadêmico deste projeto, uma das previsões de dificuldades que poderiam aparecer durante o trabalho de campo era a recusa das pessoas em darem entrevistas, por se tratar de um trabalho jornalístico. Outra dificuldade prevista seria até mesmo a proibição de registros de determinados eventos. Em um dos eventos que participei para a produção do trabalho e imersão jornalística na vida alternativa, o ENCA – Encontro Nacional de Comunidades Alternativas, do qual falo mais detalhadamente no Capítulo 4 – descobri só quando cheguei ao local que era proibido produzir fotografias do encontro. No ENCA, é solicitado que as pessoas não divulguem informações sobre o evento na internet, assim como as portas para a cobertura da imprensa estão fechadas.

Nenhum meio eletrônico é utilizado e pouca informação é encontrada na internet, como forma de evitar, de acordo com o discurso nativo, que pessoas mal intencionadas venham a saber do encontro. (CARAVITA, 2012, p. 59)

A recusa na divulgação pela mídia e até mesmo informalmente, pela internet, se dá por vários motivos. Cito alguns deles a seguir:

- a) desconfiança na imprensa, que pode distorcer e tratar o movimento de maneira sensacionalista, superficial e com desconhecimento de causa. Existem vários casos de desrespeito da imprensa com o movimento, inclusive com a publicação de fotos e vídeos de pessoas sem autorização das mesmas, inclusive em cenas íntimas de nudez e relacionadas à espiritualidade;
- b) conservadorismo da imprensa e da sociedade em relação a temas presentes no movimento alternativo, como o uso da maconha, a nudez, o amor livre, a educação alternativa, entre outros assuntos que, não raramente, são tratadas de maneiras sensacionalistas, equivocadas e centrais quando reportadas na grande mídia;
- c) o discurso do movimento defende a linha de que as pessoas devem chegar ao ENCA de maneira “natural”, a partir de chamados interpessoais de indivíduos pertencentes a grupos alternativos específicos. Já houve edições do evento com ampla divulgação que receberam muito mais pessoas do que o local estaria pronto para receber, e nos quais muitos não entenderam o real motivo do encontro, tratando-o como festa. Esse é um dos traumas das pessoas que constroem o ENCA. Grande parte do movimento alternativo evita exposição e divulgação por esses motivos;

Em 2008, houve a última experiência traumática no ENCA em Gamarra, sul de Minas, decorrente de ampla divulgação sem autorização. Caravita (2012) relata que, ao contrário do que foi acordado em encontros anteriores, o ENCA foi divulgada na internet e cerca de 1,3 mil pessoas participaram do

evento, aproximadamente 80% pela primeira vez. Houve grande consumo de álcool e drogas – o que é proibido no encontro –, e grande exploração do comércio, que não é incentivado nos ENCA, sendo preferível a realização de trocas e comércio solidário.

Também houve experiências negativas no ENCA em relação à mídia. No encontro de 1999, no sul do Brasil, a edição de setembro de 1999 da revista Trip divulgou fotos, sem permissão, de banhos nus, e relatou o uso de drogas no encontro de maneira sensacionalista.

É de se imaginar que um grande número de pessoas, todas nuas, tomando banhos no mesmo rio, seja motivo para uma “grande liberdade sexual”, aos moldes do que se imagina do movimento *hippie* dos anos 70. Há sim todo um cuidado com a liberdade sexual expressa no encontro, mas não há, como a “reportagem” da revista Trip sobre o encontro fez parecer, esta conotação de “libertinagem”. Ainda que se deseje que as pessoas estejam libertas de muitos padrões vigentes, deseja-se também que as pessoas sejam libertas de valores extremamente corpóreos, físicos e sexuais – acompanhando a ideia de uma “evolução espiritual”. (CARAVITA, 2012, p. 84)

Ainda em 1999, uma reportagem veiculada na emissora SBT causou revolta em uma comunidade naturalista. Em agosto daquele ano, a emissora exibiu, sem autorização, imagens do Clube Naturalista Colina do Sol, localizado em Taquara, no Rio Grande do Sul, no “Programa do Ratinho”. Os moradores da comunidade haviam concordado em participar de uma reportagem para o “SBT Repórter”, com a ressalva de que as imagens seriam de uso exclusivo deste programa. Entretanto, o apresentador Carlos Massa exibiu trechos da reportagem e tratou a prática naturalista de maneira sensacionalista.

Em 2009, a emissora foi condenada pelo Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul a indenizar a comunidade por danos morais em um milhão de reais. Consta na sentença que, de acordo com os relatos da comunidade naturalista, o “Programa do Ratinho” exibiu as cenas gravadas no clube de maneira “ampla e apimentada”. Os moradores da comunidade consideraram as falas do apresentador Carlos Massa ofensivas e

preconceituosas, e que a emissora “somente almejou majorar lucros, já que extrapolou os limites do jornalismo”.

Recentemente, em março de 2012, foi veiculada uma reportagem na edição 208 da revista *Trip* sobre o *Rainbow Gathering*, o encontro da “família arco-íris” na Serra do Caparaó, no Espírito Santo. O encontro é composto por muitas pessoas que participam e compartilham valores do ENCA, e, apesar de ser mais aberto, seus participantes também mostram muitas restrições com a divulgação do evento na grande mídia. A repórter Lia Hama relatou suas dificuldades de produção da matéria na própria reportagem.

Num vale escondido entre montanhas cobertas pela mata nativa, cerca de 20 pessoas participam de uma roda de discussão. Sentadas no chão de uma tenda quente e abafada sob o sol do meio-dia, seguem um ritual indígena segundo o qual quem tem em mãos um bastão possui o direito à fala, enquanto os outros escutam em silêncio. Quando termina, passa o bastão à pessoa ao lado. Na roda em questão, a pauta era uma só: a presença da *Trip* naquele lugar. Como repórter da revista, eu havia chegado ali dias antes com a missão de fazer uma reportagem sobre o *Rainbow Gathering*, o encontro da “família arco-íris”.

Trata-se de um grupo de milhares de pessoas de diferentes cores, credos e nacionalidades que se reúnem uma vez por ano em algum lugar do planeta para compartilhar ideais de paz, amor e uma nova espiritualidade conectada à natureza. Surgido em 1972 no Colorado (EUA), na esteira do movimento hippie, o *Rainbow* se espalhou pelo mundo e, desde então, são feitos os encontros em locais de matas, rios e cachoeiras, bem distantes das grandes metrópoles dominadas pelo sistema capitalista – a “Babilônia”, como chamam. Neste ano, o lugar escolhido foi a serra do Caparaó, no Espírito Santo. Mas, por mais acolhedora que a descrição pareça, eu corria o risco de ser simplesmente rejeitada como repórter por aquele conselho debaixo da tenda.

Quando o bastão chega em minhas mãos, explico que a minha intenção é simples: apresentar o encontro e os ideais de seus participantes àqueles que não os conhecem. Reportagem, em

resumo. A reação de parte da roda, no entanto, é de recusa. “Sou contra essa matéria”, afirma categórico Ricardo, um moço de sotaque paulistano e cabelos compridos. “Não nos interessa a divulgação nos meios de comunicação. Não queremos a chegada de pessoas que não têm nada a ver com o que acreditamos. Nosso crescimento é orgânico. Quem tiver que chegar aqui vai chegar”, postula.

Interessante ainda notar que a repórter se esquivava da responsabilidade da polêmica reportagem sobre o ENCA de 1999, produzida pela *Trip*, afirmando que são outros veículos brasileiros que reforçam estereótipos negativos sobre o movimento alternativo, como se a revista em questão não fosse sujeita a isso, como já aconteceu. Isso não acontece nessa reportagem, entretanto, que é bastante positiva e cuidadosa com as questões do movimento.

Calejados, talvez, muitos se traumatizaram com as poucas reportagens feitas por outros veículos brasileiros até agora, que reforçam o estereótipo de “hippies que andam pelados e fumam maconha”. Mas encontramos aliados que se manifestam a favor. É o caso de Alfredo Toné, nosso querido Allfreedom, retratado em ensaio e reportagem sobre a turma do Amor Revolução na edição de outubro passado. “Sou leitor da *Trip* há anos. A revista é nossa parceira e essa reportagem é uma oportunidade para esclarecer as pessoas sobre quem somos e o que queremos. Do contrário, só vão sair reportagens negativas e mal informadas. Se o nosso objetivo é fazer a revolução do amor, então temos que fazer a mensagem chegar ao maior número possível de pessoas”, argumentou. Após duas horas de um exaustivo debate (o segundo sobre a presença da *Trip* no evento), nenhuma decisão é tomada. Para que ocorra, é necessário que todos concordem com ela. Como não houve consenso, não recebemos permissão, mas também não somos proibidos de fazer a matéria. E é por isso que você pode ver o conteúdo desta reportagem, com umas fotos meio distantes, e com os sobrenomes dos personagens preservados – com exceção dos

que não se importaram em se mostrar para a Babilônia. (HAMA, 2012)

3 AMPLIANDO HORIZONTES DO JORNALISMO

“O jornalista é acima de tudo um contemporâneo. É realmente obrigado a sê-lo. Vive nas esferas das questões que podem ser resolvidas na contemporaneidade (ou, pelo menos, num tempo próximo). Participa de um diálogo que pode passar a ação, pode converter-se em força empírica.”

Mikhail Bakhtin

A escolha pela construção do livro-reportagem como produto deste trabalho se faz por acreditar que este gênero, híbrido entre o jornalismo e a literatura, é o que melhor possibilita a produção do jornalismo em profundidade, sem amarras editoriais e como uma leitura mais ampla da realidade, que possa fugir dos estereótipos e da superficialidade com que o movimento comunitário alternativo é tratado por grande parte da mídia tradicional – um dos motivos pelo qual os próprios moradores de comunidades alternativas buscam se manter longe dos holofotes midiáticos. Há relativamente poucos livros – jornalísticos ou não – que abordam o tema das comunidades alternativas no Brasil. Um trabalho jornalístico aprofundado sobre o tema, a partir do livro-reportagem, pode ir além da perenidade dos jornais e oferecer uma leitura de maior amplitude sobre essa realidade contemporânea.

O livro-reportagem se diferencia por permitir experimentações impraticáveis no jornalismo diário. Diferente da maioria das reportagens cotidianas, a grande-reportagem busca aprofundar o tema tratado e mostrar um panorama maior sobre ele. No livro *“Páginas Ampliadas – O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura”*, Edvaldo Pereira Lima salienta que o gênero desempenha um papel específico aos leitores, de “prestar informação ampliada sobre fatos, situações e ideias de relevância social” (1993, p. 15).

Na mídia padrão, os jornalistas quase nunca têm a possibilidade de se aprofundar muito no tema exposto, ousar na linguagem ou na temática

abordada. Isso se dá, entre outros fatores, pela falta de tempo hábil nas redações. Todavia, o tempo para a pesquisa e desenvolvimento da reportagem é um fator essencial para que o profissional possa se dedicar a investigar os vários desdobramentos do tema escolhido e da vida dos personagens.

O livro-reportagem é realizado, pelo menos idealmente, com mais tempo do profissional para a produção e pesquisa e, assim, permite que o jornalista possa fugir de muitas limitações que encontra na imprensa regular. Esse é um dos motivos que faz com que muitos jornalistas resolvam se aventurar na produção de um livro-reportagem: há muitos casos em que um tema investigado inicialmente para uma matéria do jornalismo cotidiano expande-se para um livro, e casos de livros-reportagem que são construídos a partir de uma série de grandes reportagens já publicadas na mídia cotidiana.

Pereira Lima elenca um conjunto de liberdades disponíveis em maior nível que privilegiam a produção do livro-reportagem: liberdade temática, de angulação, de fontes, temporal, do eixo de abordagem e de propósito. Todas essas liberdades existem em menor grau na produção jornalística diária, o que pode explicar, em parte, a superficialidade, factualidade, falta de tempo para a investigação e apuração e a falta de diversidade temática observada em grande parte da produção da imprensa cotidiana. Há muitos exemplos de grandes-reportagens de excelente nível na imprensa regular, mas as limitações que permeiam a prática jornalística diária dificultam que o jornalismo convencional atinja o mesmo patamar de qualidade que os profissionais poderiam atingir em reportagens de mais fôlego.

Na produção do livro-reportagem resultante deste trabalho, cada uma dessas formas de liberdade na ação jornalística elencadas influenciou a produção de maneira direta, como é suposto neste gênero. A começar pela liberdade temática, que permite a escolha de temas pouco recorrentes na mídia como objeto e do eixo de abordagem. Com o livro, é possível mergulhar em diversas questões que cercam o mesmo tema sem a restrição de um único eixo de abordagem de um fato.

Nas rotinas de redação, momentos decisivos como as reuniões de pauta pecam por falta de domínio técnico-profissional. A opção de assuntos e a forma como tratá-los raramente é levada

no grau de seriedade e aprofundamento que a situação exige. Assim, por exemplo, à falta de imaginação (criação), uma das fontes mais comuns de pauta é a seleção de assuntos já publicados em outros veículos. Uns jornais se pautam pelos outros num círculo vicioso, fechado e pobre. (MEDINA, 1982, p. 143)

Para Pereira Lima, a autonomia temática na produção do livro-reportagem também liberta o autor dos grilhões impostos pelo sensacionalismo do jornalismo cotidiano. Quando o repórter submerge a fundo no mundo que pretende retratar, pode fugir do mero pitoresco e do exótico – que é o jeito mais fácil de observar e retratar um tema quando a análise sobre ele é breve e superficial. Neste trabalho, pude perceber que a vida alternativa é recorrentemente retratada por seu lado exótico, de maneira superficial, enquanto os anseios e reivindicações do movimento têm menos destaque na mídia.

O excesso de sensacionalismo, desvirtuando um fato por chamar a atenção para um elemento folclórico apenas, pitoresco, de um tema importante, é um desses efeitos da tentativa de conquista, a qualquer preço, do leitor. A embalagem acaba viciando o conteúdo. Com isso, perde o receptor a chance de captar o sentido mais profundo da contemporaneidade. (LIMA, 1993, p. 59)

Acredito que a vida alternativa na contemporaneidade brasileira, como tema para o livro-reportagem e para produções futuras de outros autores, é relevante porque, no livro, o jornalismo pode estender seu poder de comunicação e nos permite fazer uma leitura mais ampla sobre este movimento contemporâneo que explica muito sobre a própria sociedade de maneira geral.

Para salientar a importância dessa leitura, volto a uma das liberdades jornalísticas importantes na produção do livro-reportagem, elencada por Pereira Lima: a temporal. O autor explica que, sem a necessidade limitadora da atualidade das *hard news* e da factualidade – observada nas notícias efêmeras

de curto prazo de validade do jornalismo cotidiano, que também são importantes e essenciais, para seus fins específicos –, o repórter pode vislumbrar um horizonte mais elevado no livro-reportagem, “penetrando na situação ou nas questões mais duradouras que compõem um terreno das linhas de força que determinam os acontecimentos” (1993, p. 71).

A leitura ampliada da contemporaneidade pode ser alcançada com maior qualidade no livro-reportagem, quando o repórter tem mais liberdade para abordar o fato retratado a partir de seus aspectos históricos, investigar suas causas e consequências, ouvir uma multiplicidade de fontes – fugindo das já legitimadas pela mídia padrão –, buscar dados e construir a reportagem com embasamento.

3.1 CONFLUÊNCIAS ENTRE JORNALISMO E LITERATURA

Muitos autores acreditam que é no livro-reportagem que o jornalismo atinge seu mais alto grau de excelência. O tema tratado pode ser abordado de maneira detalhada, inclusive em aspectos que seriam ignorados pelo jornalismo cotidiano, que em sua busca pela objetividade costuma adotar uma linguagem e descrição reducionista do universo retratado. No livro-reportagem, o papel do jornalista se aproxima ao do escritor. Ferramentas e recursos da literatura são mesclados com as da prática jornalística.

Como exemplos, podemos citar o ponto de vista autobiográfico em terceira pessoa, utilizado inicialmente apenas na literatura de ficção, e que começa a ser introduzido no jornalismo norte-americano da década de 1960; o uso do fluxo de consciência e o rico relato de situações em que o repórter nem ao menos estava presente, como a descrição detalhada de uma cena que ocorreu num passado remoto. Como era de se esperar, essa proximidade com a literatura gerou – e ainda gera – muita polêmica e discussões acaloradas sobre o limite das fronteiras entre o jornalismo e a literatura.

Em sua tese de doutorado em Teoria e Pesquisa em Comunicação, Silvio Demétrio defende que o gosto pela literatura é algo intrínseco à vida dos profissionais verdadeiramente apaixonados pela prática jornalística e por sua unidade fundamental: a palavra. Mas que a aproximação com a literatura no jornalismo é vista com receio, e o profissional, como um traidor dos

fundamentos jornalísticos. Entretanto, é um traidor das normas estabelecidas e já legitimadas, não um trapaceiro. Joga com todas as cartas da mesa para criar, ousar e subverter. Explora as possibilidades de experimentações para ir além das limitações impostas.

Nem sempre jornalismo e literatura delimitam-se por fronteiras pacíficas. Talvez a origem esteja em um interesse comum: tal como poetas e escritores, é algo difícil de definir, mas todo jornalista que realmente gosta da profissão, antes de qualquer outra coisa gosta mesmo é da palavra. Do texto. E não há tecnologia que consiga soterrar isto por completo. Afinal sem texto não há notícia, seja lá qual for o tipo de mídia que ainda se invente. Porque o jornalismo é uma arte do efêmero, contudo, essa devoção ilimitada pela palavra pode vir a constituir, a partir de um jornalista, um autor. Talvez o ideal da profissão seja arrancar assim algo do tempo. Roubar prometicamente o fogo da literatura. (...) Todo jornalista pode se tornar um autor. Se em determinado momento da teoria literária se discutiu a “morte do autor”, aqui, no contexto do jornalismo é tempo de anunciar o seu nascimento. Como ser marginal que é, um jornalista-escritor é temido e execrado como traidor. Em qualquer dos sentidos que se construa essa relação, jornalista-escritor ou escritor-jornalista, o resultado é a obra de um outsider. (DEMÉTRIO, 2007, p. 46)

A ideia de colocar o jornalismo em uma esfera mais lúdica, próxima da literatura, começa a ganhar força com a ascensão do movimento *New Journalism*, conhecido também como Novo Jornalismo, no Brasil. Esse gênero surge nos Estados Unidos na década de 1960, tendo como principais expoentes Truman Capote, Tom Wolfe, Norman Mailer e Gay Talese. Este último, autor de clássicos como *Fama* e *Anonimato*, define o Novo Jornalismo como algo que pode ser lido como ficção, embora não seja. “É ou deveria ser, tão verídico, como a mais exata das reportagens, buscando embora uma verdade mais ampla que a possível através de mera compilação de fatos comprováveis, o uso de citações, a adesão ao rígido estilo mais antigo. O novo jornalismo permite, na verdade exige, uma abordagem mais imaginativa da

reportagem e consente que o escritor se intrometa na narrativa se o desejar, conforme acontece com frequência, ou que assuma o papel de observador imparcial” (1973, p. 9).

O movimento do Novo Jornalismo surge no contexto da eclosão da contracultura norte-americana. A imprensa *underground* desenvolve-se junto com a ascensão do movimento *hippie*, a *beat generation* e a nova esquerda, manifestações jovens contra os valores que fundamentavam a tecnocracia. Todos esses movimentos se relacionam. O Novo Jornalismo se aproxima do fenômeno da contracultura quando sugere práticas jornalísticas alternativas em relação aos padrões impostos pela grande mídia, que segue a lógica do mercado.

A imprensa *underground* enquadra-se como uma espécie de contrapoder em relação ao poder estabelecido pelos conglomerados de comunicação. É um movimento de contestação, no sentido de “experimentação estética do discurso jornalístico – essa é a característica principal deste fenômeno – o que o coloca em choque frontal com os valores sobre os quais se assenta a concepção característica da linguagem jornalística” (DEMÉTRIO, 2007, p. 76). O discurso estético do *New Journalism*, que busca retratar a realidade de maneira subjetiva, entra em choque da objetividade mística, um tabu do jornalismo.

3.2 SUBVERSÃO PELA LINGUAGEM

Qualquer construção imagética ou textual que visa reproduzir o real será sempre um recorte da realidade, uma ficção. O mito da objetividade serve, de acordo com Clóvis de Barros Filho (1995), como simulacro do jornalismo. É um discurso que visa construir uma realidade social – que é subjetiva, pois o próprio ser humano é subjetivo – de maneira aparentemente objetiva, neutra e estritamente informativa enquanto reprodução do real.

Barros Filho sugere que, quanto mais aparentemente neutra e informativa é uma matéria, e menos claramente subjetiva, mais eficaz será a construção de realidade para o leitor, ouvinte ou telespectador. Diante de uma matéria aparentemente objetiva, o receptor seria mais propenso a se despir de seus filtros valorativos. “Ele estará mais inclinado a aceitar sem resistência o

que lhe dita a mídia, por desconhecer a realidade fenomênica tratada e não ter nenhum registro sobre ela” (1995, p. 81).

A mídia constrói um mundo objetivo que, por se impor como o “real de todos”, não é subjetivamente o “real de ninguém”, impondo-se a todos através da força da violência simbólica que caracteriza a objetividade aparente. Se a eficácia simbólica das palavras só se exerce quando o receptor reconhece o emissor como legítimo, a legitimidade do texto jornalístico advém de um reconhecimento outorgado à empresa jornalística para que informe. Opera-se um rito de instituição temático que consagra ou legitima um fato como mediático, ou seja, mediaticamente abordável. (BARROS FILHO, 1995, p. 80)

Para muitos autores, a aplicação das regras da objetividade na prática jornalística é imperativa porque o consumidor da mídia espera receber conteúdo aparentemente objetivo e imparcial. Atrás da objetividade, entretanto, escondem-se os interesses do veículo e toda a carga de ideologia do próprio profissional, que como ser humano socialmente construído não é e nunca poderá ser neutro. Barros Filho classifica as duas posições mais marcantes sobre a objetividade jornalística, como:

- a) impossível ideal típica e
- b) impossível indesejável.

O primeiro caso (a) é defendido por profissionais e estudiosos que tratam a objetividade jornalística como representação da prática ideal do jornalismo, um “dever-ser” jornalístico, um padrão a ser perseguido, mesmo que seja idealmente impossível de alcançar. Para teóricos que defendem esta linha, a objetividade é um ideal-tipo – um conjunto de características que não existem, em estado puro, na realidade. É uma busca utópica que, embora não possa ser atingida plenitude, deve significar uma “tendência, uma orientação, uma direção a ser buscada em permanência” (1995, p. 34).

O sociólogo Alfred Grosser define subjetivamente a objetividade da seguinte maneira:

A objetividade não existe, mas a vontade de ser objetivo pode ou

não existir. (GROSSES apud DERIEUX, 1983, p. 135)

O segundo caso (b) é como Barros Filho classifica teóricos e jornalistas que consideram a objetividade como impossível e até mesmo prejudicial. Isso porque as regras da objetividade não cativam o receptor, criam amarras ao jornalista e fornecem uma visão superficial e parcial da realidade.

A partir dos anos 1980, teóricos, profissionais e jornalistas ligados ao movimento do *New Journalism* começam a criticar o padrão de procedimentos do relato jornalístico objetivo, por ser ineficaz para transmitir a mensagem. Regras impostas as práticas cotidianas, como o rígido formato da pirâmide invertida e a exigência do *lead*, começam a ser consideradas limitadoras e empobrecedoras do conteúdo jornalístico. Neste sentido, a objetividade gera um controle sobre o conteúdo midiático ao obrigar jornalistas a relatar fatos necessários para alcançar a suposta objetividade: quem, o quê, quando, onde, como, etc.

Barros Filho elenca ainda três principais diretrizes das críticas à pirâmide invertida: critica-se por ser rígida, repetitiva e ensejar um final fluido. O Novo Jornalismo representa a ruptura da visão jornalística que se tinha até os anos 1970, propondo um jornalismo libertário e menos amarrado ao sistema hegemônico e às empresas midiáticas. É uma fuga para a construção de algo novo. É legitimar ao jornalista o papel de criador e não de meros “reprodutores” de uma realidade fria, superficial e aparentemente objetiva.

Redigir um texto informativo com maior liberdade significaria descentralizar o poder decisional da empresa, permitir ao maior número a gratificação psicológica que traz todo processo de escolha e tirar a audiência da monotonia piramidal. Libertar o estilo significa dar ao trabalho informativo uma dimensão estética. O novo jornalismo pouco a pouco passou a exigir do repórter uma preocupação estética com seu trabalho, transformando-o num tipo de jornalista literário. (BARROS FILHO, 1995, p.58)

A objetividade, seja ela entendida como ideal-típica ou indesejável, permanece há décadas como tema obrigatório de discussões acadêmicas,

editoriais e nas recomendações deontológicas. Enquanto ideal-tipo, a busca pela objetividade parece sempre necessária, pelo menos de maneira aparente, para garantir a credibilidade do veículo aos receptores. Ao mesmo tempo, é necessário problematizar a objetividade, que é ainda defendida na grande mídia como a garantidora da qualidade jornalística e da imparcialidade, e ainda como a melhor reprodução forma de reprodução da realidade. Décadas se passaram desde a efervescência das discussões sobre a objetividade como indesejável, mas ainda hoje o jornalismo literário e experimentações estéticas assumidamente subjetivas são vistas com receio por parte dos receptores e da mídia cotidiana.

Na busca pela prática jornalística de qualidade, acredito que deve haver um meio termo. A objetividade não pode ser vista como camisa de força – até porque nunca será alcançada em plenitude, visto que é impossível retratar situações subjetivas com a objetividade buscada pelas ciências exatas. Entretanto, o profissional deve ser cauteloso para não relativizar a objetividade por completo, pois é na busca pelo retrato próximo da realidade e dos fatos, a partir da utilização de procedimentos aceitos e legitimados pela área, que o jornalismo se constrói e se diferencia da literatura.

No livro-reportagem fruto deste trabalho, assumo a linha do jornalismo literário enquanto discurso estético que garante, a meu ver, um recorte mais amplo e profundo da realidade e menos limitador do que o jornalismo cotidiano padrão, além de ser uma experiência mais instigante ao leitor. Aproximo-me também da prática do jornalismo gonzo, estilo de narrativa em que as experiências do autor se mesclam com a ação retratada. O estilo foi oficialmente inaugurado e difundido pelo termo gonzo pelo repórter Bill Cardoso, repórter do *Boston Sunday Globe*, ao se referir a um artigo do jornalista Hunter S. Thompson.

O mais conhecido texto gonzo é "*Fear and Loathing in Las Vegas*" – lançado em 1984 no Brasil como "Medo e Delírio em Las Vegas" – em que Thompson relata suas experiências com dinheiro, drogas, álcool e aventuras sob seu ponto de vista entorpecido. O estilo, polêmico, vigora até os dias de hoje e seja talvez uma das melhores formas de relatar vivências pessoais do ponto de vista jornalístico.

4 A CONSTRUÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM

4.1 OBJETIVOS DO LIVRO-REPORTAGEM

4.1.1 Objetivo Geral

Retratar, por meio do relato jornalístico-literário das histórias de vida dos personagens, o movimento comunitário alternativo brasileiro contemporâneo e a vida nômade de viajantes que buscam práticas alternativas em seu cotidiano.

4.1.2 Objetivos específicos

- a) Apresentar histórias de vida dos personagens e entender a relação deles com suas formas de vida anterior e atual, assim como seus motivos para a busca da nova vida;
- b) Produzir um material jornalístico aprofundado sobre um tema pouco pautado pela mídia e discutido pela sociedade brasileira, com fim de documentação e fomento ao debate.
- c) Buscar histórias individuais que possam facilitar a compreensão da coletividade de um grupo social específico.
- d) Compreender relações históricas do movimento da contracultura da metade do século XX e o momento atual.

4.2 METODOLOGIA

Para a concretização dos objetivos deste trabalho, realizou-se, antes de tudo, uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, para se obter informações gerais sobre o movimento comunitário alternativo desde seus primórdios até os dias atuais. O tema tem relação direta com o conceito de contracultura, que também foi extensamente pesquisado. Consultou-se a obra do sociólogo e filósofo alemão Herbert Marcuse para a compreensão de suas análises sobre cultura e forças anti-hegemônicas na sociedade capitalista, que ainda ajudam a perceber como o capitalismo atual absorve movimentos e ideias contrárias ao

sistema. Neste trabalho, busquei salientar a maneira como isso ocorreu desde o movimento da contracultura norte-americana a partir da década de 1960, que absorveu o movimento *hippie* transformando-o em mercadoria vendável a partir da moda.

Após da concretização do projeto teórico que acompanha a produção do livro-reportagem, foi realizado um levantamento sobre as comunidades alternativas brasileiras. Até o momento da realização deste trabalho, não foi encontrado nenhum grande levantamento que enumere todas as comunidades alternativas brasileiras da atualidade. Isso se dá por dois principais motivos: a falta de interesse e pesquisa na área e a própria dificuldade em reunir informações sobre o assunto, já que muitas comunidades não têm nem ao menos contato telefônico ou *e-mail*. Muitos desses locais foram descobertos apenas na fase de pesquisa de campo, em contato direto com membros do movimento alternativo.

O maior levantamento encontrado durante a pesquisa foi realizado por Carlos A. P. Tavares em seu livro “O que são comunidades alternativas” (1985), que apesar de extenso representa o panorama do movimento no Brasil dos anos 1980 e não espelha completamente a realidade atual. Desde o levantamento, dezenas de novas comunidades surgiram e outras tantas não existem mais. Importante dizer que o autor ressalta que não tinha a pretensão de apresentar em seu trabalho “um levantamento completo das comunidades existentes” (1985, p. 67).

Ao perceber as dificuldades para realizar um levantamento completo das comunidades brasileiras – o que levaria muito tempo e necessitaria de uma pesquisa muito aprofundada – e, ao perceber que, neste momento da pesquisa esses dados não seriam primordiais para a realização do livro, decidi por pausar, pelo menos nesta fase do projeto, o levantamento. Creio que um levantamento possa auxiliar a produção de trabalhos futuros, não só nas áreas de jornalismo como para sociologia, antropologia e para pesquisadores de outras áreas acadêmicas – durante o trabalho de campo, pude conhecer inclusive pesquisadores de nutrição estudando a alimentação vegetariana no movimento alternativo.

Pretendo continuar o trabalho jornalístico com novos projetos sobre o movimento alternativo brasileiro e, futuramente, penso em prosseguir com a

pesquisa de dados do levantamento que compartilho abaixo.

TABELA 1 - COMUNIDADES ALTERNATIVAS BRASILEIRAS

Comunidade	Cidade	Estado
Doze Tribos	Campo Largo	Paraná
Doze Tribos	Mauá da Serra	Paraná
Doze Tribos	Londrina	Paraná
Gaia Piá	Morretes	Paraná
Comunidade Rio Verde	Guaraqueçaba	Paraná
Colônia Wallachey	Novo Hamburgo	Rio Grande do Sul
Coolméia	Porto Alegre	Rio Grande do Sul
Grupo comunitário Rodeio Bonito	Taquara	Rio Grande do Sul
Colina do Sol	Taquara	Rio Grande do Sul
Ecovila Clareando	Piracaia	São Paulo
Nova Gokula	Pindamonhangaba	São Paulo
Al Terna	Araçariguama	São Paulo
Casa da Floresta	São Paulo	São Paulo
Casa Jaya	São Paulo	São Paulo
Vector Equilibrium	São Paulo	São Paulo
Comunidade Sabiaguaba	Fortaleza	Ceará
Instituto Biorregional do Cerrado - IBC	Alto Paraíso de Goiás	Goiás
Flor de Ouro – Vida Natural e Holística	Alto Paraíso de Goiás	Goiás
Projeto Rumo ao Sol - Fazenda Bona Espero	Alto Paraíso de Goiás	Goiás
Estação Porto Estrela - Projeto Alvorada	Próximo a Ceres e Rialma	Goiás
Porto Luzia - Projeto Alvorada	Região de Rio Verde, na Serra da Paraúna	Goiás
Porto Maestro - Projeto Alvorada	Próximo à Taguatinga de Goiás	Goiás
Estação Porto Aliança - Projeto Alvorada	Próximo a São João da Aliança	Goiás
Comunidade Maharata	Ceres	Goiás
Comunidade Vale das Abelhas	Zona rural próxima à Vila de São Patrício, na jurisdição de Rubiatuba	Goiás
Aldeia	Itacaré	Bahia
Solaris	Praia do Norte, em Ilhéus	Bahia
Comunidade Sapirara	Trancoso	Bahia
Porto Seguro - Projeto Alvorada	Vitória da Conquista	Bahia
Porto Cristal - Projeto Alvorada	Morro do Chapéu, ao norte da Chapada Diamantina	Bahia
Comunidade Terra Mater	Mata de São João	Bahia
Fazenda Meditação	Piatã	Bahia
Nova Flor	Itapetininga	Bahia
Comunidade Barreiras	Salvador	Bahia
Sítio Xumangunga	Porto Seguro	Bahia
Comunidade Itamaraju	Itamaraju	Bahia
Serra Grande	Aratuípe	Bahia
Casinha dos Hippies	São Thomé das Letras	Minas Gerais
Hippies de Cristo	Felixlândia	Minas Gerais

Mato Dentro	São Lourenço	Minas Gerais
Estação Porto Cristina	Aiuruoca	Minas Gerais
Comunidade do Vale das Flores	Mirantão	Minas Gerais
Minifúndio do Professor	Três Marias	Minas Gerais
Mata da Estiva	Iguatama	Minas Gerais
Fazenda Mãe D'Água - Comunidade dos Sarvas	Belo Horizonte	Minas Gerais
Fazenda Praia Formosa	Entre Rios de Minas	Minas Gerais
Estação Porto Felipe – Alvorada	Montes Claros	Minas Gerais
Estação Porto Príncipe – Alvorada	Conceição do Mato Dentro	Minas Gerais
Estação Porto Mariza- Alvorada	Uberaba	Minas Gerais
Estação Escola - Projeto Alvorada	Brasília	Distrito Federal
Frater Unidade	Pirenópolis	Goiás
Comunidade da Fazenda Vaga Fogo	Pirenópolis	Goiás
Terra Ronca	Parque Nacional de Terra Ronca	Goiás
Comunidade Olhos d'Água	Olhos d'Água	Goiás
Comunidade Vale do Amanhecer	Planaltina	Goiás
Cidade Eclética	Santo Antônio do Descoberto	Goiás
Comunidade de Formosa	Brasília	Distrito Federal
Fundação Comunitária Universalista e Cooperativista Thomaz Printz	Brasília	Distrito Federal
Comunidade Satori	Brasília	Distrito Federal
Sítio Santo Antônio do Juriti	Belém	Pará
Comunidade Bandeira Branca	Santarém	Pará
Comunidade Urbana Aurora Espiritual	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
Coonatura	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
Arca	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
Comunidade Sol e Terra	Jacarepaguá	Rio de Janeiro
Comunidade Taba Pindorama	Casemiro de Abreu	Rio de Janeiro
Comunidade Sana	Santa Maria Madalena	Rio de Janeiro
Comunidade Sítio Pedra Aguda	Friburgo	Rio de Janeiro
Fazenda Nova Ayodia	Passos	Rio de Janeiro
Fazenda Sertão	Pedra de Rio	Rio de Janeiro
Comunidade Arca de Noé	Nova Friburgo	Rio de Janeiro
Comunidade Base	Nova Friburgo	Rio de Janeiro
Comunidade Ashram Atmanpur	Serra do Atman - região de Aldeia Velha	Rio de Janeiro
Aldeia Velha	Silva Jardim	Rio de Janeiro
Centro Holístico da Aldeia da Mata Atlantica (CHAMA)	Silva Jardim	Rio de Janeiro
Aldeia Comunicampo	Nobres	Mato Grosso
Sítio Nova Era	Campo Grande	Mato Grosso do Sul
Comunidade Dharma Kaya	Nova Xavantina	Mato Grosso
Comunidade Alternativa Rural e Iniciática Roncador Futura	Nova Xavantina	Mato Grosso

Monastério Teúrgico do Roncador	Serra do Roncador	Mato Grosso
Comunidade Estação Celeste de Porto Araés	Barra do Garças	Mato Grosso
Comunidade Zen-Budista Camacan	Ibiraçu	Espírito Santo
Portal do Céu	Serra do Caparaó	Espírito Santo
Colônia Cinco Mil	Próximo a Rio Branco	Acre

O trabalho de campo para a produção do livro se deu a partir de uma viagem em que participei de encontros de cultura alternativa, conheci comunidades alternativas e projetos do meio. A viagem durou um mês – de 4 de julho à 4 de agosto – e teve o seguinte itinerário:

- 4 a 6 de julho: Viagem com o *Whipala*, de São Paulo até o Encontro Nacional de Comunidades Alternativas – ENCA em Patrimônio da Penha, na Serra do Caparaó, Espírito Santo.
- 6 a 13 de julho: Vivência comunitária e início do contato com o movimento comunitário alternativo no ENCA.
- 13 a 15 de julho: Viagem com o *Whipala*, passando pelos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e finalmente o destino final, Goiás.
- 16 a 20 de julho: Vivência em comunidade alternativa, no Instituto Biorregional do Cerrado, em Alto Paraíso de Goiás.
- 21 de julho a 23 de julho: Vivência na Aldeia Multiétnica.
- 24 de julho a 30 de julho: Estadia na Vila de São Jorge, distrito de Alto Paraíso de Goiás, durante o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros.
- 31 de julho a 4 de agosto: Vivência em comunidade alternativa, durante o Festival Internacional de Cultura Alternativo – FICA, na Flor de Ouro, em Alto Paraíso de Goiás.

Durante todos os períodos relatados, foram realizadas entrevistas em profundidade, em que os personagens foram questionados acerca de suas histórias de vida, sobre como conheceram e se interessaram pelo movimento alternativo e qual foi o momento em que resolveram “fugir” da sociedade padrão. As entrevistas, com duração de trinta minutos até três horas dependendo do entrevistado foram todas gravadas e inteiramente transcritas

para a produção do livro. Optou-se por transcrever todos os vícios de linguagem – como “né”, “tipo” – para a caracterização mais próxima dos relatos e para que eu, como autora, tivesse o mínimo de intervenção possível ao escrever as falas dos personagens no livro. Outra opção foi a de interferência mínima durante as entrevistas, para que as respostas não fossem direcionadas ao que se poderia “pretender ouvir”. Os entrevistados tiveram a liberdade de falar por quando tempo quisessem e sobre os temas de seu interesse acerca dos assuntos abordados.

A entrevista tem importante papel como forma de humanizar o assunto e o tornar próximo do leitor. Cada capítulo do livro é focado em uma história central construída como um perfil dos personagens e das comunidades e ambientes em que eles se inserem. A convivência com os personagens para além dos momentos de entrevistas também foram muito importantes para enriquecer os relatos.

A imersão no tema abordado com a minha própria vivência em comunidades alternativas e em encontros do movimento foi uma escolha baseada na crença e na defesa de que o jornalismo ganha qualidade quando é feito de maneira aprofundada, com intensa pesquisa sobre o tema antes da produção e buscando compreender os personagens e o mundo retratado com o maior rigor possível. Tudo isso feito com o cuidado de que o objeto continue sendo tratado de maneira jornalística sem um viés panfletário ou parcial do escritor.

Para facilitar a compreensão de termos e conceitos pouco usuais ao leitor, visto que o tema é pouco discutido e conhecido, optei pelo uso de *boxes* explicativos que acompanham os textos do livro-reportagem, de maneira a tornar a narrativa mais fluida e clara.

Ao longo do livro, a narração varia entre primeira e terceira pessoa. O uso da primeira pessoa é utilizado com o intuito de aproximar o leitor do assunto a partir de minhas próprias experiências e impressões. É um dos recursos do jornalismo literário que me utilizo com o objetivo de tornar os textos mais dinâmicos e interessantes. A técnica também se aproxima do gênero conhecido como jornalismo gonzo.

4.3 JUSTIFICATIVA

Este trabalho foi realizado com o intuito de ser uma leitura jornalística sobre comunidades alternativas e modos de vida de grupos pouco conhecidos pela sociedade, com fins de análise, reflexão, conhecimento e documentação. O tema abordado pretende oferecer informações que ajudem a sociedade a compreender o pensamento de um grupo de pessoas insatisfeito com a vida contemporânea nos grandes centros urbanos.

A partir da verificação de *blogs* e *sites* que divulgam fotos de comunidades alternativas que existem em outros países – principalmente sobre o evento *Rainbow Gathering* – é possível perceber que o apelo dessas comunidades isoladas é muito forte entre os jovens, principalmente. A resposta do público é, em grande parte, de admiração e de forte interesse por conhecer mais esses locais.

Foram poucos os trabalhos brasileiros encontrados – e até mesmo reportagens jornalísticas – que abordam o tema escolhido neste trabalho. Acredito que a importância do livro-reportagem produzido seja também documental, para futuros pesquisadores, interessados e pelo próprio movimento alternativo que relata falta de registros históricos no Brasil.

4.4 TIPOLOGIA DO LIVRO-REPORTAGEM

No livro *Páginas Ampliadas* (1993), Pereira Lima propõe uma classificação dos tipos de livro-reportagem mais comuns de acordo com sua linha temática e objetivos. Ressalta que não deve ser encarada como uma classificação final, em decorrência da “flexibilidade e criatividade peculiares ao livro-reportagem” (p. 50). Entretanto, a classificação nos ajuda a compreender os diferentes tipos de grandes reportagens presentes em livros.

Pereira Lima propõe as seguintes categorias gerais: livro-reportagem-perfil; livro-reportagem-depoimento; livro-reportagem-retrato; livro-reportagem-ciência; livro-reportagem-ambiente; livro-reportagem-história; livro-reportagem nova consciência; livro-reportagem-instantâneo; livro-reportagem-atualidade; livro-reportagem-antologia; livro-reportagem-denúncia; livro-reportagem-ensaio e livro-reportagem-viagem.

O produto deste presente trabalho não se encaixa em um padrão

específico pré-determinado por este autor. Porém, é possível encontrar, na mistura de algumas definições feitas por Pereira Lima, uma linha de trabalho a ser adotada para o feitiço do livro-reportagem.

O autor de *Páginas Ampliadas* define o livro-reportagem-perfil como uma obra que busca evidenciar o lado humano das personagens, que mesmo que anônimas, tornam-se interessantes a partir de suas histórias de vida. Em todos os capítulos do livro-reportagem fruto deste trabalho, o perfil de personagens que integram o movimento alternativo brasileiro delineiam os textos, que se expandem de maneira a explicar temas de maior complexidade e que extrapolam o individual, como um retrato de todo um grupo de indivíduos à margem da sociedade hegemônica. A escolha de personagens para ilustrar cada capítulo do livro se dá para humanizar os textos, tornando o tema mais próximo do leitor. As histórias de vida dos personagens são a melhor maneira de narrar o movimento comunitário alternativo, até porque há muita pouca documentação sobre o tema e é nas pessoas que é possível compreendê-lo.

O livro-reportagem-retrato é uma categoria parecida com o perfil, mas focaliza em uma região geográfica ou um setor da sociedade. De acordo com o autor, “visa elucidar, principalmente, seus mecanismos de funcionamento, seus problemas, sua complexidades”. A partir da história de vida dos personagens, pretende-se retratar o modo de vida de um grupo à margem da sociedade brasileira e colocar luz sobre esse tema pouco discutido academicamente e pela mídia. O micro expande-se para o macro, como maneira oferecer um retrato de um grupo social.

O fio condutor do livro-reportagem produzido neste trabalho é meu próprio percurso durante as viagens em que busquei traçar um panorama do movimento comunitário brasileiro. Esse tipo de construção de narrativas é classificado por Pereira Lima como livro-reportagem-viagem. A viagem realizada para a produção do livro-reportagem determinou, inclusive, a estrutura cronológica dos capítulos. A escolha por essa opção de escrita se deu por acreditar que o livro ficaria mais compreensível com as histórias seguindo o meu próprio roteiro e transformando a viagem em parte da história, com o relato de minhas próprias experiências e impressões sobre o meio comunitário alternativo.

(...) serve de pretexto para retratar, como em um quadro sociológico, histórico, humano, vários aspectos das realidades possíveis do local. Difere do relato meramente turístico, ou daquele dotado de romantismo e exotismo típicos aos viajantes não treinados profissionalmente no escrever, por ter nítida preocupação com a pesquisa, com a coleta de dados, com o exame de conflitos. (LIMA, 1993, p. 49).

Além das questões de construção do livro-reportagem, Pereira Lima também classifica o gênero a partir de sua temática e conteúdo. A categorização que mais se aproxima ao que busco realizar com este trabalho é o livro-reportagem nova consciência. A temática abordada nos livros classificados dessa maneira beira uma leitura antropológica e sociológica da sociedade.

Focaliza temas das novas correntes comportamentais, sociais, culturais, econômicas e religiosas que surgem em várias partes do mundo, resultantes de duas ebulições significativas do mundo ocidental nos anos 60. Uma foi a contracultura, a outra foi o conjunto de movimentos de aproximação à cultura e civilização do Oriente Médio, e do continente asiático (LIMA, 1993, p. 47).

O grupo social retratado neste trabalho ganha espaço no século XX a partir da década de 1960, com a contracultura norte-americana, e chega ao Brasil influenciado pelo movimento nos anos 1970. O tema do livro-reportagem é contemplado na questão de conteúdo pela classificação de Pereira Lima. O título “nova consciência”, que o autor utiliza, é um termo muito difundido no movimento comunitário alternativo. Acredita-se que com o despertar de nova consciência moral, psicológica e social os seres humanos poderão se preparar para a Nova Era.

4.5 TÍTULO

“Fugimos – vida em comunidades alternativas e pela estrada”

4.6 ESTRUTURA DO LIVRO

O livro é dividido em três partes, com três capítulos cada uma, totalizando nove capítulos. Inclui-se a isso a introdução, que visa dar um panorama geral do tema ao leitor e contar o processo de produção do livro.

4.6.1 Primeira parte

Fugimos pelas estradas: histórias de personagens viajantes que passam a vida pelas estradas brasileiras e da América Latina. Todos eles foram conhecidos por mim no *Wiphala*, fato que também une essas narrativas. Capítulos 1, 2 e 3.

- Capítulo 1 – *Wiphala*: A vida de Don Nelson e seu encontro com o modo de vida alternativa a partir da Caravana do Arco-Íris pela Paz é o assunto abordado no capítulo inicial.
- Capítulo 2 – Caminhos: Neste capítulo, as trilhas do grupo de teatro Peabiru pelas estradas brasileiras revelam as histórias de sonhos dos atores Renato da Costa e Vitor Ribeiro.
- Capítulo 3 – Veleza, vicho!: Capítulo que narra a história de um casal de viajantes que vivem pelas estradas, a brasileira Iana Cristina e o colombiano Mauricio Perez.

4.6.2 Segunda parte

Fugimos para a vida comunitária: a vida em comunidades alternativas permeia as histórias dos personagens retratados nesta parte do livro. Todos os personagens dessa parte foram entrevistados durante a realização do ENCA. Capítulos 4, 5 e 6.

- Capítulo 4 – Caparaó: História da comunidade alternativa Portal do Céu, na Serra do Caparaó, a partir da vida de Flávio Freire, conhecido como Flavinho, um dos pioneiros da região e presidente da Associação Brasileira de Comunidades Alternativas - ABRASCA. Conta também com um breve perfil de um jovem francês nômade, Clement Badaut.
- Capítulo 5 – Mato Dentro: Narrativa do desenvolvimento da

Comunidade do Mato Dentro a partir do perfil da vida de Rogério Vecchi, membro da ABRASCA.

- Capítulo 6 – O sol e a chama: Perfil da vida de Ângelo Prestes e suas experiências com o isolamento em comunidades longe dos centros urbanos.

4.6.3 Terceira parte

Fugimos para o Paraíso. Vivências na cidade de Alto Paraíso de Goiás retratadas através de relatos de viajantes e moradores de comunidades alternativas inseridas na região. Capítulos 7, 8 e 9.

- Capítulo 7 – Maluco profissional: O capítulo tem como tema central o Instituto Biorregional de Cerrado – IBC, fundado por Thomaz Enlazador.

- Capítulo 8 – *R(evol)ution*: Os sonhos e desejos de transformação do mundo do estadunidense Devon Pendleton são retratados a partir de suas histórias pelo Brasil e Estados Unidos.

- Capítulo 9 – Liberdade: História da comunidade Flor de Ouro, onde foi realizado o Festival Internacional de Cultura Alternativa – FICA, a partir do ponto de vista de um novo morador do local, Líber.

CONCLUSÃO

A pesquisa teórica deste trabalho me trouxe muito conhecimento sobre o tema que me deixou cada vez mais curiosa e apaixonada ao longo deste ano. Mas foi a parte prática, de imersão jornalística que originou os relatos descritos no livro-reportagem, que mais me transformaram. Ler sobre a contracultura, movimentos alternativos e comunidades me fascinava, mas viver esse mundo na prática fez toda a diferença na produção do livro.

Desenvolvi-me como jornalista, encontrando-me em situações completamente novas e tendo que descobrir saídas em labirintos deontológicos e estéticos, sem nenhum conselheiro por perto para ajudar a sanar minhas dúvidas sobre até que ponto eu estava “sendo jornalista”, e até que ponto era aceitável eu ser apenas uma aventureira curiosa vivenciando muitos momentos sem pensar no que eu iria escrever depois – se é que eu deveria escrever sobre aqueles devaneios ou estritamente sobre as histórias gravadas durante as entrevistas, pensava.

Desenvolvi-me, também, como ser humano. Mudei minhas formas de encarar a vida. Conheci alternativas à sociedade padrão e me envolvi. Talvez muito mais do que acreditava que poderia acontecer. Creio que, a imparcialidade é inescapável em se tratando de nós, humanos, seres completamente imparciais e subjetivos. Li uma vez que a “subjetividade é a verdade”, e é nisso que acredito. Devem-se seguir métodos jornalísticos e buscar o retrato da verdade – mas sempre cientes de que as verdades são várias, e que somos limitados a fornecer aos leitores apenas pedaços ficcionais que refletem, de alguma maneira, a realidade da maneira como enxergamos.

As experiências que eu tive, ao longo da imersão, foram tão diferentes para mim que muitas delas eram difíceis para eu mesma compreender. Colocar isso em palavras é, portanto, um desafio poético. Jornalístico, porém assumidamente literário. O escritor não deve se prender por medo de atravessar as tênues linhas que permeiam o jornalismo e a literatura: são coisas que se misturam e que se completam.

Os relatos expostos no livro-reportagem são um breve retrato de apenas alguns dos milhares de sonhadores espalhados pelo país. Existem inumeráveis

histórias de vida alternativa, na cidade ou próxima à natureza, e conhecimentos sobre a terra, plantas medicinais, espiritualidade, animais e principalmente, sobre comportamentos humanos. Ricos materiais para ser documentados em futuros livros e trabalhos acadêmicos. Assim, essas informações poderão se manter presentes na memória e na história. Todo este conhecimento pode – e precisa – ser compartilhado. Espero que, no futuro, muitos sonhadores que também se sintam despertados pelo movimento comunitário alternativo encontrem material literário e jornalístico que possibilite viagens para mais longe. Esse movimento é feito de sonhos. O que o diferencia são as ações práticas para concretizá-los e tornar o planeta um lugar mais belo para todos os seres.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, Max. **Hoje na História: 1865 - Morre Pierre-Joseph Proudhon, principal teórico do anarquismo.** In: Opera Mundi. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/19271/hoje+na+historia+1865+-+morre+pierre-joseph+proudhon+principal+teorico+do+anarquismo.shtml>>. Acesso em: 1 jun. 2014.

ARAÚJO, Rogério Bianchi de. **Contracultura através dos tempos – do mito de Prometeu a cultura digital** (Resenha). In: Revista Comunicação & Inovação. São Caetano do Sul, v. 9, n. 17, p. 66-67. jul.-dez. 2008. Disponível em <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/viewFile/710/558>. Acesso em: 1 jun. 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Forense Universitária, 1987.

BARROS FILHO, **Ética na Comunicação. Da informação ao receptor.** São Paulo: Moderna, 1995.

CARAVITA, Rodrigo Iamarino. **Ecovilas, meio ambiente, cosmologias e espiritualidade(s).** UNICAMP, Campinas, 2011. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf8/ST12/005%20-%20Rodrigo%20Iamarino%20Caravita.pdf>>

_____. **“Somos todos um”: vida e imanência no movimento comunitário alternativo.** UNICAMP, Campinas, 2012.

CHARLES FOURIER. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2013. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Charles_Fourier&oldid=34550941>. Acesso em: 1 jun. 2014.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo.** Rio de Janeiro, Imago, 1976.

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. **Diálogos.** São Paulo, Escuta, 1998.

DEMÉTRIO, Silvio Ricardo. **Por um jornalismo contracultural: linhas de fuga no New Journalism**. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Teoria e Pesquisa em Comunicação, Linha de Pesquisa Jornalismo e Linguagem da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo - USP. São Paulo, 2007.

ERA DE AQUARIUS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2013. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Era_de_Aquarius&oldid=37238307>. Acesso em: 1 jun. 2014.

FEIJÓ, Martin Cezar. **Cultura e Contracultura: Relações entre conformismo e utopia**. In: Revista FACOM. São Paulo, n. 21, jan.-jun. 2009. Disponível em: <http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_21/martin.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2014.

GROSSER, Alfred apud DERIEUX, Emmanuel. **Cuestiones ético-políticas de la información**. Pamplona: Eunsa, 1983.

HAMA, Lia. **Viagem de Família**. In: Revista Trip, n. 208, de 15/03/2012. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/revista/208/reportagens/viagem-de-familia.html>> Acesso em: 4 out. 2014.

HIPPIE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2014. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Hippie&oldid=38917060>>. Acesso em: 1 jun. 2014.

KEROUAC, Jack. **On the Road – Pé na Estrada**. Porto Alegre: Editora L&PM Pocket. 2006.

KRAKAUER, Jon. **Na natureza selvagem**. São Paulo: Companhia das Letras. 2009

KREIMER, Juan Carlos. **Contracultura para principiantes**. Buenos Aires, Argentina: Era Naciente. 2006.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas – O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

MACIEL, Luiz Carlos. Revista Careta, Ano LIII, nº 2736, de 20/07/1981, p. 19.

MARCUSE, Herbert. **A Ideologia da Sociedade Industrial: o homem unidimensional**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MEDINA, Cremilda. **Profissão jornalista: responsabilidade social**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1892.

MULLER, E. **A comunidade alternativa**. Disponível em:
<<http://sustentacomuni.blogspot.com/2009/09/comunidade-alternativa.html>>.
Acesso em: 1 jun. 2014.

PEIXOTO, Luiz Antonio da Silva. **Marcuse: cultura, ideologia e emancipação no capitalismo tardio**. In: Estudos e pesquisas em Psicologia, Abr. 2011, vol.11, no.1, p.156-180.

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura**. 8ª edição. São Paulo. Brasiliense. 1992

PIMENTA E SILVA, Marcelo. **A contracultura e a imprensa alternativa: revolução social através da informação**. In: Revista de Artes e Humanidades, n. 6, mai.-out. 2010. Disponível em:
<http://www.revistacontemporaneos.com.br/n6/dossie8_contracultura.pdf>
Acesso em: 1 out. 2014.

_____. **Da Contracultura às Tribos da Cibercultura: uma perspectiva histórica para o debate atual**. III Simpósio Nacional ABCiber. São Paulo, 2009. Disponível em:
<http://www.abciber.com.br/simposio2009/trabalhos/anais/pdf/artigos1_redes/eixo1_art34.pdf> Acesso em: 4 out. 2014.

RIO GRANDE DO SUL. Tribunal de Justiça. Sentença procedente n. 95623/2009, 08-10-2009. Juíza prolatora: MARTINI, Angela. Número do Processo: 10500046080. Comarca: Taquara. Órgão Julgador: 2ª Vara: 1/1. Disponível em: <<http://www.tjrs.jus.br/>> Acesso em: 8 out. 2014.

ROBERT OWEN. In: Brasil Escola. Disponível em:
<<http://www.brasilecola.com/biografia/robert-owen.htm>> Acesso em: 1 jun. 2014.

TALESE, Gay. **Aos olhos da multidão**. Trad. Aurea Weissenberg. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1973.

TAVARES, Carlos A. P. **O que são comunidades alternativas**. São Paulo. Brasiliense. 1985

ZAPPA, Regina; SOTO, Ernesto. **1968: eles só queriam mudar o mundo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.